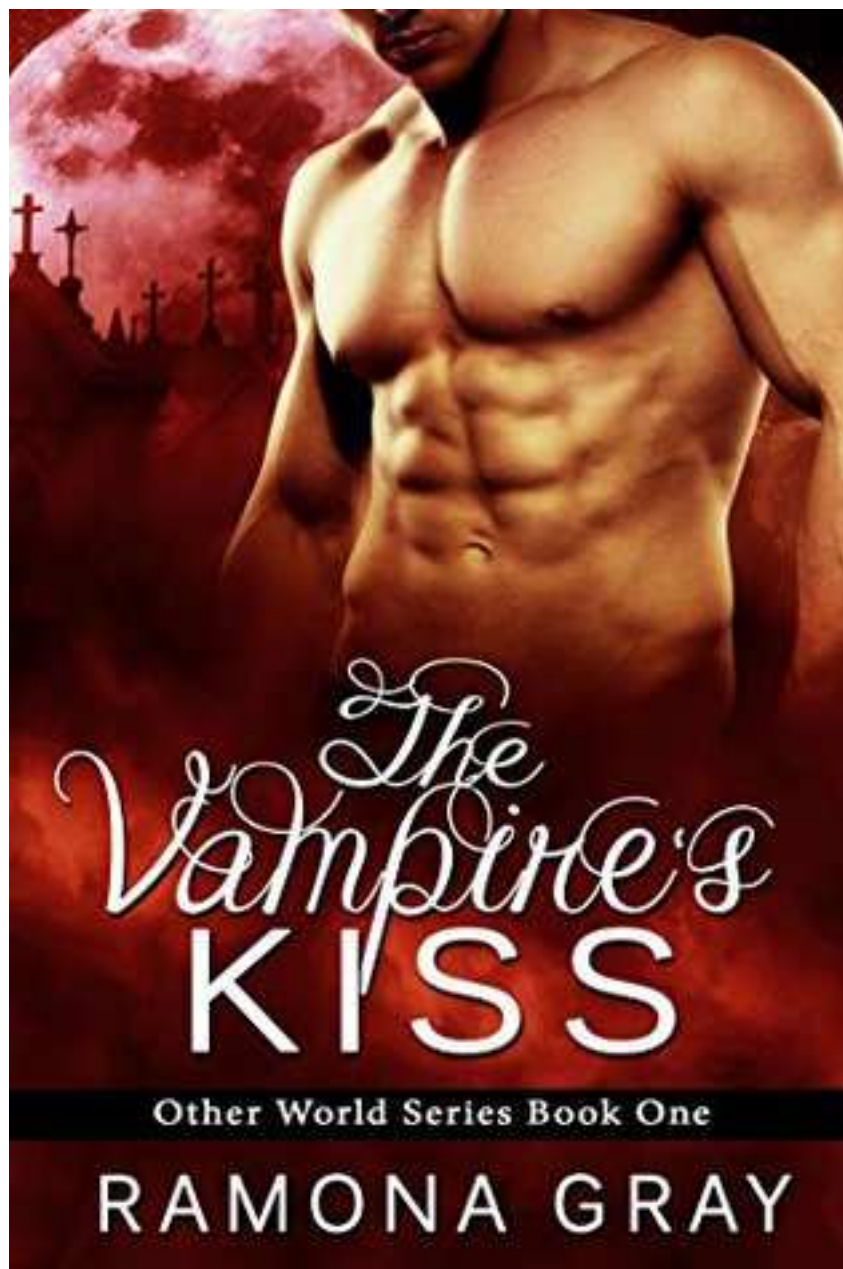




SÉRIE OUTRO MUNDO 01- O BEIJO DO VAMPIRO

Disponibilização e Revisão Inicial: Mimi

Revisão Final: Angélica

Gênero: Hetero/Paranormal





Abigail Winters leva uma vida perfeitamente normal até a noite que é transportada para uma terra alternativa. Atacada por vampiros, sua vida é salva pelo lindo, mas perigoso vampiro, Val. Quando Val está lesionado e precisa de seu sangue para curar, ela paga a sua dívida, permitindo-lhe se alimentar dela. Mas ela não está preparada para o desejo imediato que agora sente para o vampiro sexy.

Apesar de salvar sua vida, Val não tem interesse em se alimentar a partir da humana gordinha. Será semanas antes de sua necessidade por ele desaparecer, se ela não enlouquecer em primeiro lugar, e ele não tem nenhum desejo de tê-la definhando atrás dele e pedindo-lhe para se alimentar dela novamente ou pior – ter relações sexuais com ela. Gravemente ferido e com nenhuma outra escolha, ele se alimenta de Abigail e está intoxicado pelo sabor doce do seu sangue. Determinado a reclamá-la, sua obsessão a ela cresce à medida que luta com sua inegável atração por ele.

Quando Abigail é tirada dele, Val fará o que for preciso para encontrá-la.



COMENTÁRIOS DA REVISÃO

MIMI

Eu adoro um bom livro paranormal, isso não é novidade. Quando achei esse, olhei para capa, e pensei, eu já vi essa capa kkkk, li o resumo e pensei, mais do mesmo, daí resolvi dar uma chance e que bom que eu fiz. O livro é muitttttttttttttttttto gostoso, a autora realmente me surpreendeu. Quis dar um soco na cara de Val no início, mas enquanto o livro se desenrolava eu queria colocá-lo no colo. Achei Abby uma mulher em contradição, ao mesmo tempo em que foi fraca na infância, ela conseguiu sair desse terror que passou e se transformar numa mulher bondosa e determinada. Nem vou comentar do sexo explosivo né, afinal o cara é um vampiro, então sem comentários. Doida para pegar o dois.

ANGÉLICA

Muito boa história, aquelas que você só larga quando acaba e fica querendo mais e mais... sorte nossa que vai ter.

O casal tem uma química acontecendo, mas não acho (e espero) que não chegou ao seu ápice (quero ver mais).

E quero tudo mais: conhecer os outros do bando, saber mais de Val... tudinho.



Capítulo I

Abigail Winters não tinha ideia do que estava acontecendo. Um minuto ela estava correndo para casa de seu trabalho mundano como uma barista de café na pior tempestade que já tinha visto. O seguinte, ela estava deitada de costas no meio de uma floresta com a chuva caindo no rosto.

Ela sentou-se, esfregando o nó que estava se formando na parte de trás de sua cabeça, e olhou ao redor curiosa. Ela tinha certeza que tinha visto uma esfera brilhante de luz pairando a esquerda dela, antes de tudo ficar preto. Ela olhou em torno por sua bolsa, querendo pegar seu celular e ligar para alguém. Quem, ela não tinha certeza – a polícia talvez.

Sua bolsa estava longe de ser vista, ela suspirou e levantou com cautela, esperando para ver se ia desmaiar. Sua cabeça estava doendo e seus jeans novos, os que tinha estado tão orgulhosa de comprar, porque eram um tamanho menor do que o último par, foram triturados na altura dos joelhos e cobertos de lama.

Ela estava morta? Não as pessoas dizem que havia uma luz branca quando você morria? Ela olhou ao redor enquanto a chuva continuava a cair. Estava escuro e assustador e se este era o céu, ela odiaria ver o que o inferno parecia.

Ela avançou lentamente, apertando os olhos no escuro e observando seus pés para que não tropeçasse nas raízes expostas das árvores ao seu redor.

Ela estava com medo, mas não entrou em pânico. Pelo menos, ainda não. Havia uma parte dela, uma parte muito grande, que estava convencida de que estava sonhando. A qualquer momento acordaria em sua cama com os lençóis emaranhados ao redor de suas pernas e seu despertador gritando para ela.

Respirou fundo. O ar cheirava doce e limpo, nada como a poluição atmosférica da cidade, e se perguntou vagamente se alguém a tinha sequestrado e a largou em outro país.



Não seja ridícula, Abby. Quem iria sequestrar você? Você é um ninguém.

Tudo perfeitamente verdadeiro. Ela não era uma herdeira com uma herança de milhões de dólares, não era uma cantora famosa ou estrela de cinema. Verdade seja dita, tinha menos de vinte dólares em sua conta bancária no momento. Ela era simplesmente, a gorda Abby. Sempre foi, sempre será.

Sim, mas não se esqueça que você é gorda Abby com dez quilos a menos de gordura.

Também é verdade. Ela passou as mãos pelo seu tamanho quarenta e dois do jeans. Ela tinha estado emocionada quando tinha ido para baixo um tamanho de calças. Ela levou a maioria de seu peso em sua bunda e quadris, e para estar abaixo de um tamanho das calças significava que sua alimentação saudável e exercício estavam funcionando. Ela odiava o exercício, mas estava se tornando viciada nos resultados.

Hum, Abby? Não estragando o seu desfile, mas no caso de ter esquecido, você está morta ou algo muito, algo estranho está acontecendo. Talvez comemorar sua vitória de perda de peso outra hora, o que você diria?

Muito bom conselho. Se ela não estivesse morta, então precisava encontrar o telefone mais próximo e chamar a polícia.

Ela tropeçou através das árvores. Não tinha ideia se estava se movendo mais profundo dentro da floresta ou não, mas não podia ficar ali. Ela teve que manter em movimento.

"Ela parece uma ovelha perdida. Será que não, Toron?"

Abby gritou e virou. Dois homens estavam em pé atrás dela. Eles estavam vestidos de forma semelhante em calças verdes desbotadas e camisas brancas. Um era alto e escuro e outro baixo e loiro.

"Sim, ela parece, Alex." O homem loiro disse gravemente.

"Você está perdida cordeirinha? Perdida na floresta?" Aquele chamado Toron cantarolou baixinho.



Abby recuou um passo. Havia algo sobre os dois homens que estava fazendo todo o cabelo do corpo ficar de pé. A adrenalina estava inundando através de suas veias e seus membros tremeram em resposta.

Ela cambaleou para trás mais um passo, enquanto os homens se aproximaram. Alex inalou profundamente. "Eu posso cheirar seu medo. Tem cheiro delicioso."

Toron sorriu para ele. "Estou me sentindo generoso esta noite. Por que você não tem a primeira bebida?"

"Não me importo se eu faço." Alex disse alegremente. Ele estava parado na frente dela e empurrando-a contra uma árvore, antes que Abby tivesse percebido que ele tinha se movido.

Sua cabeça bateu na árvore, o nó gritando em protesto, e ela gritou estridentemente no ar frio da noite.

"Oh sim, cordeirinha – vá em frente e grite. Não há ninguém para ouvi-la e eu adoro quando os cordeiros gritam." Alex sussurrou.

Ele estava segurando-a com uma mão na parte superior do seu peito, ela agarrou seu braço e tentou arrancá-lo longe dela. O braço dele estava duro como ferro. Ela lutou inutilmente, incapaz de acreditar que o pequeno homem poderia segurá-la tão facilmente com apenas uma mão. Ela olhou para sua pele pálida, seus olhos escuros e arregalados de pânico, e ele riu como uma criança demente.

"Você é um grande problema, mas não me importo. Mais de você para beber, certo?"

Ela deu um tapa no rosto tão duro quanto podia. Sua cabeça balançou para trás, mas a mão não se moveu de seu peito.

Ele sussurrou e ela gritou adrenalina tão fresca derramado em suas veias. Alex estava sorrindo para ela e expondo seus longos, dentes brancos.

"Você desejará nunca ter me batido, cordeirinho. Não que isso importe – você vai estar morta em poucos minutos."



"Oh comece com isso, você, Alex. Eu quero a minha vez. Você não deve brincar com a comida de qualquer maneira. Sua mãe não disse..."

Toron de repente arqueou as costas quando um olhar assustado cruzou seu rosto. "Alex..."

Abby prendeu a respiração quando Toron de repente explodiu em uma chuva de cinzas e sangue. Alex gritou, um som de raiva e medo, para o homem de pé nas árvores. Ele segurava uma lâmina longa, curvada em uma mão e sorriu amargamente para Alex.

"Você matou seu próprio tipo!" Alex gritou novamente e, esquecendo Abby inteiramente, ele se lançou para o estranho. Suas unhas estavam se alongando, se tornando garras longas e afiadas perversamente, e moveu-se tão rapidamente que ele era apenas um borrão.

Alex foi rápido, mas o estranho era mais rápido. A lâmina mergulhou no peito de Alex e seu grito de fúria tornou-se um longo gemido borbulhante. Abby afundou no chão, envolvendo os braços em volta dos joelhos quando o estranho puxou a lâmina e limpou-a na camisa de Alex. Ele deu um passo atrás apenas quando Alex explodiu.

Abby observou desinteressadamente quando o homem se aproximou dela, embainhando sua lâmina no suporte em sua cintura. Ele se agachou na frente dela e tomou seu queixo em sua mão, inclinando a cabeça primeiro para um lado e depois o outro enquanto examinava seu pescoço.

Ele era alto e largo, com longos cabelos escuros amarrados para trás em um rabo de cavalo. Seus olhos eram de um cinza prateado e sua pele era pálida e suave. Ele tinha um nariz largo e maçãs do rosto salientes, e sua mandíbula estava coberta de barba escura.

"Você vai me matar?" Abby perguntou estupidamente.

Ele balançou sua cabeça. "Não. Levante-se, menina."

Ele soltou-a de pé com uma mão dura debaixo do braço e deu-lhe um olhar de desgosto quando ela balançou. Ele olhou-a de cima a baixo e outra careta de desgosto passou em seu rosto.



Ela teria estado ofendida se não tivesse notado os dentes. Eles eram muito brancos e, apesar da chuva e da escuridão, não teve nenhum problema de ver suas presas. Ela gemeu baixinho e ele sacudiu a cabeça, impaciente.

"Eu disse que não iria machucá-la. Vamos, garota." Ele arrastou-a por entre as árvores, movendo-se tão rapidamente que ela foi logo fora do ar e lutando para recuperar o atraso.

Ele grunhiu com frustração e abrandou uma fração, a mão apertando em seu pulso quando ela tentou puxar livre.

"Por favor, deixe-me ir." Ela ofegava.

"Então você pode correr? Você vai estar morta antes do amanhecer, se eu fizer." Ele retrucou.

"Onde estamos indo?"

"Vou levá-la à sua própria espécie. Agora, mantenha a boca fechada e apresse-se."

Em menos de quinze minutos, eles estavam na borda da floresta. Ele parou, seus olhos vagando pelo grande campo na frente deles. Ela estava ao lado dele, ofegante e tentando controlar seu batimento cardíaco fugitivo quando ele revirou os olhos.

"Você já pensou em comer menos e se mover mais, humana?"

"Foda-se." Ela inchou.

Ele riu. "O cordeiro mostra espírito."

Ela o olhou e, de repente, ele segurou seu rosto e puxou-a para frente até que seu rosto estava apenas polegadas a partir dele. Ele sorriu, suas presas parecendo muito longas e muito fortes, e ela engoliu nervosamente.

"Embora eu goste de foder um ser humano, você não é meu tipo." Ele deixou seu olhar viajar para baixo de seu corpo e de volta até seu rosto. "Um pouco grande demais para o meu gosto. Ainda assim, você é bastante atraente – talvez eu pudesse fazer uma exceção."

Ela ficou vermelho brilhante e arrancou a cabeça de seu aperto. Ele voltou seu olhar para o campo. "Nós vamos nos mover muito rapidamente através do campo. Mantenha-se. Vai se arrepender se não o fizer. Você me entende?"



Ele olhou fixamente em seus olhos castanhos escuros. Seus olhos eram cinzas, frios e ela balançou a cabeça, embora tinha quase certeza de que não seria capaz de manter-se com ele. Não ia lhe contar isso. Ele provavelmente iria matá-la, em vez de dar-lhe a oportunidade de experimentar.

"Bom. Vamos..."

Ele parou, com a cabeça inclinada ao lado, e suas sobrancelhas para baixo em uma careta.

"O que..."

"Cale a boca!" Ele assobiou.

Ela fechou a boca com um estalo quando ele deixou cair o pulso. Ela deu alguns passos para trás, perguntando se poderia esgueirar sem que ele percebesse. Antes que pudesse arremessar para dentro das árvores, uma malha de prata caiu para o homem na frente dela.

Ele vaiou em agonia quando caiu no chão. Ela assistiu com horror quando sua pele começou a esfumaçar. Ela estendeu a mão para a rede, mas dois homens e uma mulher caíram do céu acima dela e impediram que ela agarrasse-o.

"Olá humana." A mulher sorriu, revelando o seu próprio conjunto de presas, e Abby gemeu de terror.



Capítulo 2

"Por que você iria arrastar um ser humano através da floresta em vez de beber dela?"

A mulher olhou para o homem que a tinha resgatado.

Do seu ponto no chão, Abby observou quando a mulher traçou sua longa unha no rosto do desconhecido. Usando luvas, os três vampiros tinham acorrentado a uma árvore com correntes de prata longas antes de remover a malha. Abby tinha estremecido com as marcas na sua pele que a malha deixou. A mulher tinha arrancado sua camisa, revelando um torso muscular pálido. As correntes de prata foram lentamente afundando em sua pele e ela se perguntou se depois de algumas horas, eles simplesmente rasgariam seu corpo distante. Fumaça foi subindo de forma constante a partir de seu corpo e ele tinha que estar com dor incrível, mas seu rosto estava sereno e seus olhos cinzentos não revelou nada.

A mulher olhou para Abby antes de olhar o homem acorrentado. "Você a mantém como seu animal de estimação? Alimentar-se dela quando precisa?"

Ele se recusou a responder e ela bateu em seu rosto com as unhas compridas. Elas cavaram longos, sulcos sangrentos em seu rosto, e Abby estremeceu, mas o vampiro não vacilou.

"Você não se importaria se nós tivéssemos um gosto de seu animal de estimação, não é?" O vampiro de pé acima dela sorriu e puxou-a para seus pés. Ele segurou a parte de trás do seu pescoço e olhou para ela. Seus olhos eram de um azul muito leve, e Abby podia se ver refletida de volta neles.

"É isso mesmo, olhe para mim, doçura." Ele sussurrou. Ela podia sentir um estranho, calor intenso percorrendo seu corpo e sorriu um pouco. Pela primeira vez desde que ela tinha acordado no chão da floresta, não tinha medo.



O vampiro sorriu novamente e acariciou sua bochecha com o polegar. "Você é muito bonita. Sabia disso?"

Ela lhe deu um olhar sonhador, perdido. "Obrigada."

"Levante sua cabeça, minha linda. Deixe-me ver essa bela garganta."

Ainda olhando em seus olhos, ela levantou a cabeça obedientemente. Ele baixou a cabeça e esfregou sua garganta. Ela engasgou. Seus mamilos eram pedrinhas duras em seu sutiã e houve súbita umidade entre suas coxas.

"Quer que eu saboreie?" Ele murmurou.

"Sim, oh sim, por favor." Ela choramingou.

Ele abriu a boca, suas presas alongando, e ela deixou cair a cabeça para trás até que estava olhando o céu à noite. As nuvens estavam partindo e ela podia ver a lua brilhando. Seu corpo inteiro tremeu e ela esperou, sem fôlego por sua mordida.

Antes que ele pudesse mergulhar suas presas na veia pulsando em seu pescoço, houve um apito afiado. Ele caiu e ela caiu desossou no chão, ofegante e gemendo baixinho quando o desejo percorreu seu corpo.

O apito veio de novo, afiado e penetrante, e depois o vampiro acima dela fez um grunhido suave. Ele olhou abaixo para ver a adaga saindo do peito e chegou para isso com as mãos pálidas. Antes que ele pudesse tirá-la do seu peito todo o seu corpo explodiu, salpicando sangue e cinzas sobre Abby.

A vampira gritou com raiva quando o segundo vampiro macho se virou e olhou para as árvores. Um urso de um homem saiu e dirigiu uma espada em seu peito. Ele puxou a espada livre, dando um passo para trás quando um excesso de sangue pulverizou do peito do vampiro. A fêmea gritou novamente quando o vampiro explodiu e, em seguida, ela estava de pé ao lado do homem, sua mão envolvida em torno de sua garganta. Apesar de seu tamanho, levantou-o com facilidade e atirou-o contra a árvore. Ele bateu nela, a cabeça saltando fora da árvore, e caiu no chão. Ela lançou-se sobre ele e se inclinou, agarrando seu cabelo com uma mão pálida e puxando a cabeça para trás e descobrir sua garganta.



Antes que ela pudesse afundar seus dentes nele, uma segunda mulher, pálida e loira, saiu das árvores e tocou-a suavemente na parte de trás. A vampira girou e vaiou quando a mulher, com a mão um borrão, cortou-a pela garganta com uma lâmina curta. A cabeça da vampira deslizou de seu corpo e caiu com um baque surdo aos pés da mulher. Ela afastou-se quando o corpo se transformou em cinzas.

"Neil, você está bem?" Ela perguntou quando caminhou para Abby. Sua voz era baixa e musical e Abby não precisava ver a boca para saber que ela era um vampiro. Foi na forma como se movia, na graça fácil que fluía por seu corpo.

Ela estendeu a mão e, depois de um segundo, Abby tomou. A mulher puxou-a para seus pés com facilidade e sorriu para ela. "Qual o seu nome?"

"Abigail... Abby." Abby gaguejou quando Neil levantou-se e correu para o homem ainda acorrentado à árvore.

Ela notou com um tipo curioso de dormência que ele não usava luvas enquanto abriu as correntes de prata que prendiam o homem à árvore.

Humano, decidiu, quando o vampiro de pé em frente a olhou de cima a baixo. "Eu não acho que ela é a daqui."

Neil pegou o vampiro quando ele caiu para frente e soltou-o por cima do ombro. "Cristo, Val. Você é malditamente pesado."

Val gemeu de dor. "Eu posso andar."

Neil sacudiu a cabeça. "Não, você não pode. Eu posso cheirar sua carne a partir daqui." Ele fez uma careta de desgosto e deslocou Val em seu ombro. "EOne, precisamos voltar para a casa. Agora mesmo."

"Eu sei." EOne olhou para Abby. "Será que a levamos com a gente?"

Val balançou a cabeça. "Não, ela é muito lenta. É por isso que eles nos pegaram em primeiro lugar."

"Nós não estamos deixando-a." Neil respondeu. "Ela vai morrer se o fizermos."

"Eu não acho que ela é a daqui." EOne repetiu-se suavemente.



Val ergueu a cabeça fracamente e olhou para as duas mulheres. "Ela não é. Eu vi a luz que a trouxe aqui."

Abby respirou fundo. "Por favor, alguém pode me dizer o que está acontecendo? Onde estou? Quem são vocês?"

EOne sorriu para ela e Abby sentiu calor surgindo através de sua pélvis novamente. Ela balançou a cabeça e se obrigou a desviar o olhar do olhar de EOne.

"Vem, bonita." EOne pegou a mão dela. "Nós vamos explicar tudo quando estivermos seguros."

"Jesus Cristo! O que aconteceu?" Um homem baixo, com o cabelo cinza e esticado em toda a parte superior de sua cabeça em uma vã tentativa de esconder a careca, observou quando Neil despejou Val no sofá.

"O que você acha que aconteceu, Bert?" Disse Neil. "Sanguessugas."

Ele olhou para EOne e Val. "Sem ofensa."

"Quem é esta?" A mulher baixa e gorda, seu cabelo escuro puxado em um coque no alto da cabeça, olhou com curiosidade para Abby.

"Esta é Abby." EOne puxou-a para frente e lhe acariciou o cabelo. Ela tinha entrançado esta manhã, mas estava começando a se soltar a partir da trança.

Mais pessoas foram lotando a sala, homens e mulheres de diferentes idades e tamanhos, e Abby encolheu-se quando se reuniram em torno dela.

"Não tenha medo, doçura." EOne sorriu para ela. "Nós não vamos prejudicá-la."

"Por favor, me diga o que está acontecendo." Abby sussurrou.

Bert olhou para ela. "Cristo, ela é outro transporte. Quem quer tentar explicá-lo desta vez?"

A mulher com o coque avançou. "Eu vou." Ela pegou a mão de Abby e levou-a a um segundo sofá em frente do qual Val estava deitado.



"Meu nome é Mary. É bom conhecê-la, Abby."

"Também é um prazer te conhecer. Você – você é um vampiro?" Abby olhou para ela.

Mary sacudiu a cabeça. "Não, eu não sou. Eu sou humana como você. Apenas EOne e Val são vampiros."

Ela pegou a mão fria de Abby em suas quentes. "Abby, você se lembra do que aconteceu com você?"

"Eu estava – estava andando para casa do trabalho. Estava chovendo, escuro e então houve essa esfera brilhante estranha. A próxima coisa que me lembro foi acordar na floresta."

Mary suspirou. "Tudo isso vai ser difícil para você acreditar, mas eu preciso que tente e tenha uma mente aberta. Você pode fazer isso, Abby?"

"Sim."

"Bom. Essa esfera brilhante era um – uma porta das sortes. Sugou-a de seu mundo ao nosso."

Abby franziu a testa. "Estou em um planeta alienígena?"

Mary sacudiu a cabeça. "Não exatamente. É o que se chama Terra. Apenas uma versão diferente dela."

Ela olhou atrás para um homem alto, magro e ele sorriu encorajadoramente para ela. "Nossa versão não tem somente os seres humanos, mas outras criaturas assim. Vampiros como EOne, Abby, e outras espécies diferentes."

"Como o quê?" Abby esfregou o nó na parte de trás de sua cabeça.

"Nós vamos explicar mais tarde. Agora, eu só quero ter certeza de que você entenda que não está mais na sua Terra. Há muitas coisas neste mundo que procuram prejudicá-la, e você deve ficar com a gente para sua própria proteção. Você entende isso? Nenhum de nós vai te machucar."

Os olhos de Abby deslizaram para Val e EOne, Mary segurou seu queixo e virou o rosto para ela. "EOne e Val não vão prejudicá-la."

"Eles são vampiros bons?"



Bert bufou alto e Mary olhou para ele. "Sim, Abby. Eles são vampiros bons. A maioria dos vampiros atacam seres humanos, procuram-nos para se alimentar e transformar, ou mantê-los como animais de estimação. No entanto, existem alguns que uniram forças com os humanos. Eles querem criar um mundo de paz como nós fazemos. Val e EOne são dois desses vampiros."

"Como faço para voltar ao meu próprio mundo?"

Mary lhe deu um olhar de simpatia. "Você não pode, Abby. Sinto muito, mas não há nenhuma maneira de retornar à vida que você levou uma vez."

Abby olhou para ela em estado de choque. "Mas – mas você disse que o astro era uma porta. Eu só preciso encontrar outro e..."

Mary apertou suas mãos. "Não há nenhuma garantia de que a esfera iria voltar para o seu próprio mundo. Muito provavelmente você seria enviada ainda para outro mundo. Há muitos mundos diferentes."

Abby podia sentir as lágrimas correrem pelo seu rosto, enquanto Mary apertou suas mãos novamente. "Sinto muito, Abby. Por que você não vem comigo? Você pode tomar banho e eu vou encontrá-la algumas roupas limpas, e então pode deitar um pouco. As coisas vão ser mais claras, uma vez que tenha obtido algum descanso."

Abby levantou-se e permitiu que a mulher menor a conduzisse a partir do quarto.

"Você se sente melhor, Abby?" Mary sorriu para ela quando Abby entrou na cozinha.

"Um pouco. Quanto tempo eu estive dormindo?" Ela puxou nervosamente na parte superior e calças que Mary lhe dera. As calças eram muito grandes, suspeitava que Mary pegou-as de um dos homens, e o top muito pequeno. Ele agarrou-se firmemente para os seios grandes.

"Apenas algumas horas. Aqui, um pouco de chá."



Abby aceitou o copo e tomou um gole do líquido fumegante. Tinha um sabor amadeirado, aveludado e olhou com curiosidade para isto. "Que tipo de chá é isso?"

Mary sorriu. "Nada que você reconheceria."

"Você é do meu mundo?" Abby perguntou timidamente.

"Não. Mas eu era casada com aquele que foi." Mary respondeu. "Pelo menos eu acho que você é do mesmo mundo. Fala de uma maneira semelhante a ele. Diga-me – você tem vagões de metal que se impulsionam usando um líquido que pega fogo? Tubos de metal que voam no céu?"

Abby assentiu. "Sim."

Mary sorriu. "Eu pensei assim."

"Onde está seu marido?"

"Ele está morto." Mary respondeu sem rodeios.

"Eu – eu sinto muito."

"Foi há muito tempo. Você está com fome? Você iria..."

Houve gritos da sala de estar e Abby seguiu Mary quando ela correu para fora da cozinha.

"Eu não vou deixá-lo me morder." A mulher ruiva estava olhando furiosamente para Neil. "Você não tem direito de me pedir para fazer isso, seu talão grande! Você acha que eu não sei o que vai acontecer depois? Não irei tornar-me o seu ticket de refeição todas as noites, só porque ele sabe que não serei capaz de me impedir."

"Erin, se não fizermos algo ele vai morrer." Neil disse desesperadamente.

"Então, deixe-o morrer! Que me importa se algum sanguessuga sujo vive ou morre?" Erin gritou.

"Esse sanguessuga salvou nossas vidas mais vezes do que podemos contar." Disse Neil entre os dentes. "Você está honestamente bem com apenas deixá-lo morrer?"

Erin não respondeu e ele olhou ao redor da sala para as outras mulheres. "Não existe uma de vocês que vai ajudá-lo?"



"O que está acontecendo?" Abby sussurrou para Mary quando Neil entrou e se ajoelhou ao lado do sofá que Val estava deitado. O vampiro era visivelmente mais pálido, e suas feridas da malha e da corrente ainda estavam escorrendo um fluxo constante de sangue.

"Val precisa de sangue humano para curar. Ele vai morrer se não obtê-lo." Mary respondeu. Suas mãos estavam torcendo juntas e ela estava olhando ansiosamente para EOne.

"EOne, e se uma das mulheres apenas cortar seu braço e drenar um pouco de sangue. Val pode bebê-lo dessa maneira. Ele vai curá-lo."

EOne sacudiu a cabeça. "Isso vai ajudar, mas não rápido o suficiente. Você sabe como isso funciona, Mary. Sangue de um ser humano funciona melhor quando podemos beber diretamente da fonte. Não temos tempo para drenar o sangue e esperar por ele curá-lo. Até amanhã vampiros da noite estarão em todo este lugar. Nós matamos três..."

"Cinco." Val disse fracamente do sofá.

Ela revirou os olhos. "Nós matamos cinco deles esta noite. Eles pertencem a um grande ninho. Estamos muito longe para o oeste, de forma que estejam golpeando fora por conta própria. Os outros do seu ninho vão procurá-los amanhã à noite, quando não retornarem. Eles vão encontrar a casa facilmente."

"Isso tudo é culpa sua!" Erin de repente chiou para Abby. "Val e os outros deveriam ter te deixado morrer. Você vai para obter-nos todos mortos!"

"Erin, suficiente!" Mary disse bruscamente. Ela virou-se para Abby. "Ignore-a. Ela está apenas com medo."

"Por que tem que ser uma mulher?" Abby perguntou em voz baixa. "Não é possível um dos homens fazê-lo?"

EOne riu, um som suave tilintar que fez o cabelo nos braços de Abby se levantar. "O ato de tomar sangue de um ser humano é uma experiência muito sensual, Abby. Uma vez que um vampiro tem alimentado a partir de um ser humano, existe uma ligação entre eles que os humanos não podem resistir."



Ela se aproximou e acariciou o cabelo macio de Abby. "Às vezes o ato de alimentar ainda leva ao ato de fazer amor. Nós vampiros somos muito conscientes das necessidades de nossos seres humanos. Somos amantes atenciosos e detalhistas, Abby."

Abby olhou nos olhos azuis escuros de EOne. Uma dor estava começando em sua pélvis e ela se perguntou como seria pressionar a boca contra de EOne. Perguntou-se como seria a sensação de ter mão macia de EOne apertando seu peito, seu polegar esfregando contra seu mamilo, quando Abby levantou seu pescoço e deixou a vampira beber dela.

"Gostaria disso, Abby? Gostaria de sentir o meu toque? Eu poderia fazer você se sentir tão bem se me deixar." As presas de EOne alongaram. "Os machos humanos não estão dispostos a sentir uma conexão, um desejo, para um vampiro do sexo masculino, que eles não vão ajudar Val. Eu, no entanto, não tenho nenhum problema com agradar um ser humano do sexo feminino."

"EOne!" A voz de Neil rompeu o nevoeiro que se afastara na cabeça de Abby e ela deu um passo atrás quando EOne desviou o olhar do dela.

"O que?" Ela perguntou com petulância.

"No caso que você se esqueceu. Val está morrendo." Neil olhou para ela.

EOne suspirou. "Eu não me esqueci. Mas estou com sede."

"Pare com isso, EOne." Neil rosnou. Voltou-se para as pessoas agrupadas frouxamente juntas. "Por favor, alguém precisa ajudá-lo."

"Esqueça, Neil." Val disse com voz rouca. "Elas nunca vão concordar com isso. Elas só deixam EOne e eu ficarmos, porque, no fundo, têm medo de nós." Ele levantou a cabeça e mostrou suas presas para eles. "E eles devem ter."

"Val! Você não está ajudando." Neil gemeu. "Por favor. Ele tem feito tanto por nós. Não é possível um de vocês..."

"Eu vou fazer isso."

Sua voz, baixa e rouca, mal podia ser ouvida.

Neil virou e olhou para Abby. "O que?"



"Eu disse que faria isso."

"Abby, querida, você está cansada e confusa, não entende muito bem o que isso significa. Se você deixá-lo alimentar de você, haverá uma obsessão que não será capaz de controlar." Mary apertou seu braço. "Você vai ansiar por ele de uma forma que não posso nem começar a explicar. Você terá que deixar o nosso grupo até o efeito da obsessão ou o risco de ficar louca."

Ela hesitou e olhou para Val. "A menos que Val continue a se alimentar de você até que possamos encontrar um lugar seguro para..."

"Eu não vou." Val interrompeu sombriamente.

"Seu imbecil!" Neil rosnou para ele. "Ela é sua única chance."

Mary apertou seu braço novamente. "Você não quer fazer isso, Abby."

"Ele salvou minha vida na floresta." Disse Abby. "Estou em dívida."

Ela olhou com desagrado em Val. "Além disso, eu nunca fiquei obcecada sobre um homem na minha vida e certamente não vou começar com ele. Eu vou ficar bem."

"Obrigado, Abby." Neil disse, agradecido.

Mary franziu a testa para ele. "Nós não podemos deixá-la fazer isso, Neil. Ela não entende..."

"Quieta, Mary! Ela fez a sua escolha." Neil cuspiu.

Ele agarrou Val e arrastou-o em uma posição sentada. "Você apenas teve sorte, Val."

Val franziu a testa enquanto o sangue escorria pelo rosto. "Eu não quero me alimentar dela. Ela vai saborear ruim. Os grandes sempre fazem."

Abby corou um vermelho brilhante e Neil bateu Val violentamente no rosto.

"Cala a porra da boca, Val! Esta mulher está prestes a salvar a sua vida e vai ser grato por isso."

Ele colocou seu braço ao redor de Val e arrastou-o a seus pés. Ele se virou para Abigail. "Siga-me."



Abigail observava nervosamente enquanto Neil ajudou Val deitar-se na cama. Ele ligou a lâmpada ao lado da cama e o quarto foi iluminado com uma luz fraca. Ele sorriu para Abigail e deu um tapinha na cama ao lado de Val.

"Deite-se, Abby."

Ela moveu-se nervosamente pelo quarto e se deitou ao lado do corpo de Val. Ele olhou para ela quando Neil deu um tapinha no braço dela sem jeito. "Obrigado por ter feito isso. Ele está sendo um bastardo ingrato, mas confie em mim, ele é realmente grato."

Abby assentiu e sentiu um fio fino de medo quando Neil se dirigiu para a porta. "Você não vai ficar?"

Neil sacudiu a cabeça. "Não. Experimente e relaxe, ok? Isso fará com que seja mais fácil."

Ele saiu do quarto e fechou a porta suavemente atrás dele.

Val levantou-se sobre o cotovelo, estremeando enquanto as feridas escorriam sangue fresco, e olhou para a mulher claramente assustada. Ele não queria se alimentar dela. Não teria nenhuma maneira de evitá-la e seria semanas antes de sua necessidade por ele passar, se ela não enlouquecesse em primeiro lugar. Ele não tinha nenhum desejo de ter a humana ansiando por ele, pedindo-lhe para se alimentar dela novamente ou ter relações sexuais com ela. Alguns vampiros gostavam do modo como os seres humanos foram obcecados atrás deles, mas não ele. Preferiu alimentar, foder o ser humano se era uma fêmea, e depois sair.

Ele suspirou. Não tinha escolha. Ele foi ficando mais fraco por hora e Neil estava certo – as feridas da prata iriam matá-lo se não se alimentasse. Ele pensou brevemente de torná-lo mais fácil para ela, de usar seus poderes para seduzir e acalmá-la, mas negou-lhe quase que imediatamente. Às vezes necessidade de um ser humano seria menor se a alimentação fosse assustadora e dolorosa. Isso não mataria seu desejo por ele inteiramente, mas pode dar-lhe um ou dois momentos de paz nela nas semanas seguintes.

"Devo? Faço algo de especial." Ela sussurrou.



Ele continuou a olhá-la. Ela realmente era bastante atraente, pensou, cansado. Seus olhos castanhos escuros foram enquadrados com cílios longos, grossos e sua pele era pálida e sem mácula. Seu olhar caiu para a boca. Seus lábios rosados cheios tremiam e havia uma mecha de seu cabelo escuro travado contra eles. Ele afastou-o longe, revirando os olhos quando ela se encolheu.

"Tire sua camisa." Ele resmungou.

Ela hesitou e deu-lhe um olhar impaciente. "Você quer sangue nela?"

Ela balançou a cabeça e rapidamente tirou. Ela se deitou na cama e deu-lhe outro olhar nervoso. Apesar do fato de que seus seios foram cobertos pelo seu sutiã, ela manteve os braços cruzados com força sobre eles.

"Levante sua cabeça."

Ela engoliu em seco e levantou a cabeça, virando o rosto e fechando os olhos. Ele olhou para sua garganta. Seu medo foi fazendo o pulso bater forte e podia vê-lo na base de sua garganta. O sangue dela estava chamando por ele e, sem aviso, baixou a cabeça e mergulhou suas presas profundamente em sua veia pulsante. Ela gritou de dor e medo, e ele apertou seu braço para baixo através de sua cintura grossa, prendendo-a na cama, enquanto ela tentava se libertar.

O sangue encheu sua boca, quente, rico e saboreando mais doce do que todo o sangue que já tinha provado antes. Ele gemeu quando seu pênis endureceu em suas calças e a puxou para mais perto. Ele bebeu e bebeu quando suas lutas enfraqueceram e ela relaxou contra a cama. Ele não conseguia o suficiente dela e quando engoliu seu sangue quente, sentindo suas feridas curar e sua força voltar, puxou os braços longe de seus seios e colocou os dedos sob seu sutiã. Ele segurou seu peito nu. Estava quente e cheio, e apertou-o com cuidado, esfregando o polegar sobre seu mamilo. Ele endureceu imediatamente e ela gemeu – um som cheio de desejo e necessidade, que fez seu pênis pulsar em resposta.

Ele empurrou sua coxa entre as pernas dela, pressionando-a contra sua vagina e apertou sua coxa firmemente com a dela, esfregando sua virilha contra a sua perna como



uma gata no cio. Ele continuou a beber muito depois de seus ferimentos serem curados, quando segurou e acariciou o peito firme.

Ele podia sentir seu pulso enfraquecer, ela parou de apertar sua coxa e deixou as pernas desmoronarem molemente. Com um suspiro duro, ele puxou a boca livre de garganta e moveu a mão de seu seio. Ofegando em voz alta, olhou para a mulher. Ele tinha tomado muito de seu sangue que ela tinha desmaiado. Olhou para os buracos em seu pescoço, lambendo o sangue de seus lábios, enquanto seu corpo inteiro gritou com ele para continuar.

Com um grunhido alto, ele pulou da cama e se afastou. Jesus, não tinha perdido o controle daquela maneira em séculos. Mesmo do outro lado da sala seu sangue ainda chamava por ele e, antes que pudesse ceder à sua vontade e drená-la completamente, se virou e saiu do quarto.



Capítulo Três

Abigail gemeu e abriu os olhos. Ela olhou para o céu azul acima dela quando sua cama balançava suavemente. Ela podia ouvir o resfolegar dos cavalos e o murmúrio de vozes. Ela fechou os olhos. Estava tão cansada e não entendia o que estava acontecendo. *Onde ela estava?*

"Abby?" A voz suave de uma mulher forçou suas pálpebras pesadas de novo e olhou com os olhos turvos para a mulher de cabelos escuros.

"Mary." Tudo voltou a ela em uma corrida de lembrança e suspirou, enquanto as lágrimas caíram por suas bochechas. Ela estava no inferno.

"Não chore, Abby." A voz de Mary parecia preocupada e alisou o cabelo da testa de Abby. "Está tudo bem, meu amor. Não chore."

Ela abriu os olhos e olhou para Mary. "Eu não estou sonhando."

"Não, querida. Você não está. Eu sinto muito."

"Por que estou tão cansada?" Ela queria se sentar, mas não tinha a força.

"Val tomou muito de você. Você vai se sentir melhor depois de ter algo para comer e descansar mais."

"Que horas são?"

"É de manhã cedo. Você pode sentar-se, Abby? Precisa beber um pouco de chá. Ele vai ajudar a restaurar a sua força."

Com a ajuda de Mary, Abby se sentou. Ela olhou ao redor, cansada. Ela estava em um vagão que estava sendo dirigido por Neil. O resto do grupo estava andando e falando suavemente entre si.

"Onde estamos indo?"



"Precisamos nos manter em movimento. Estamos profundamente em seu território, e é melhor se conseguirmos para a periferia mais rápido possível." Mary segurou um copo à boca. "Beba isso."

Abby bebeu o líquido espesso e escuro. Tinha um gosto picante, quente e ela engoliu-o ansiosamente.

Mary sorriu para ela. "Essa é minha boa menina. Aqui, tente comer isso." Ela entregou a Abby um pedaço de carne seca.

Abby olhou para isso com curiosidade. "Que tipo de carne é isso?"

"Nada que você conheça. Coma-a, Abby. É rico em nutrientes."

Abby mordeu a carne e mastigou devagar. Foi difícil, mas bom, comeu três pedaços e bebeu uma xícara de chá, antes de Mary ajudá-la a deitar-se nos cobertores.

"Vá dormir, Abby. Você está segura com a gente." Mary acariciou sua testa e Abigail fechou os olhos, cansada e dormiu.

Quando acordou pela segunda vez, o sol estava quase definido e o vagão estava puxando a uma parada na frente de uma grande casa. O lugar parecia deserto e sentou-se. Estava se sentindo menos cansada e mais como ela mesma.

"Onde estamos?"

Mary virou-se de onde estava sentada ao lado de Neil. "Uma casa abandonada. Nós vamos ficar aqui para a noite."

Ela saltou da carroça e Abby se retorceu passado às fontes que foram embaladas em torno dela. Saiu do vagão, sorrindo agradecida para o jovem que correu e firmou-a quando cambaleou e quase caiu.

"Obrigada."

Ele sorriu para ela. "É bem-vinda."

"Sou Abigail."

"David."

"É bom conhecer você, David."



"Você também."

Neil saltou para fora do vagão e olhou o sol antes de olhar para o fundo do vagão. Abby seguiu seu olhar e franziu a testa um pouco. Ela não tinha visto muitos vagões, mas este parecia estranho para ela. Houve um longo compartimento de madeira fixada no fundo do mesmo e um lado do que eram dobradiças.

"O que é isso?"

"É onde EOne e Val dormem seu sono do dia." Neil limpou a garganta enquanto Abigail empalideceu e afastou-se da carroça.

"Eu não quero que ele me toque novamente." Ela sussurrou. E começou a tremer, lembrando-se do medo e da dor quando a tinha mordido.

Não doeu por muito tempo. Você se lembra como foi bom sentir quando ele tocou seu peito. Você queria que ele a fode-se, sabe que sim.

Mary deu a Neil um olhar confuso. "Por que ela está com me..."

A porta do compartimento começou a abrir e Abigail recuou até que esbarrou em David.

Neil colocou a mão grande na porta, segurando-a fechada por um momento.

"Ela deve ir para casa." Disse ele nervosamente, olhando para Abby.

David concordou e estendeu a mão. "Aqui, Abby, deixe-me ajudá-la a entrar na casa." Ela pegou a mão dele, a levou até as escadas da varanda e entrou na casa.

Neil esperou até que ela tinha desaparecido dentro da casa e, em seguida, levantou a lateral do compartimento. EOne deslizou para fora, seguida por Val, e ela estendeu gentilmente antes de olhar ao redor com curiosidade. "Deus, eu estou com tanta fome. Não creio que estamos perto de uma aldeia?"

Neil balançou a cabeça e suspirou. "Ugh, veados novamente."

O nariz de Val enrugou e ele encostou-se à carroça. EOne olhou para ele. "Você está vindo?"

Ele balançou sua cabeça. "Não."



"Como quiser." Ela encolheu os ombros e desapareceu em um flash de luz.

"Exibida." Val murmurou. Embora pudesse se mover muito mais rápido que um ser humano, em quase 700 anos de idade EOne tinha aperfeiçoado a capacidade de mudar de um lugar para outro dentro de segundos.

Ele percebeu que Neil estava franzindo a testa para ele. "O que?"

"Você quase a matou."

Ele revirou os olhos. "Nem perto, Neil. Ela tinha muito sangue deixado."

"Por que você tomou muito dela?"

"Eu estava gravemente ferido, lembra?"

"Você não precisava tomar muito." Neil deu-lhe um olhar de desgosto.

Val deu de ombros. "Eu vou pedir desculpas a ela." Ele olhou em volta. A maioria do grupo estava descarregando a carroça, mas Abby estava longe de ser vista.

"Ela está na casa. Fique longe dela, Val."

Val lambeu os lábios. "Ela não vai ficar longe de mim, Neil. Você sabe disso."

"Você não tem que fazer com que seja mais difícil para ela do que já é. Evite-a tanto quanto pode." Ele bateu Val no ombro e levantou uma caixa de roupas de cama na parte de trás da carroça.

Val grunhiu em resposta e olhou para a floresta. Ele estava com fome, apesar da grande quantidade de sangue de Abby que tinha tomado na noite passada, mas não queria veados. Ele queria mais de Abby. O sangue dela tinha sido deliciosamente doce, e lembrando a maneira como ela havia gemido quando segurou seu peito tinha seu pau endurecendo em suas calças.

Ele se sacudiu. Estava sendo ridículo. Ela era uma humana gordinha que provavelmente seria morta dentro de um mês. Os que vieram de seu mundo nunca duraram muito tempo no seu. Ainda assim, não poderia deixar de lembrar a forma como seus cílios escuros pareciam contra a palidez de sua pele. Sua pele tinha sido tão suave e macia.



Ele engoliu em seco. Ela não seria capaz de lhe resistir quando viesse até ele e pedisse-lhe para tocar, beijá-la, mordê-la, ele o faria. Ele estava fazendo a humana gordinha um favor realmente. Ela ficaria louca se não o fizesse. Ele beberia seu sangue doce cada noite e quando eles finalmente voltassem à civilização, iriam deixá-la com os outros seres humanos e ela iria esquecê-lo.

"Abby, você quer compartilhar este quarto comigo?" Mary examinou o pequeno quarto. Ele tinha duas camas de solteiro nele e obviamente tinha sido um quarto para as crianças.

Abby assentiu enquanto olhou para dentro do quarto. "Por que você acha que esta casa foi abandonada, Mary?"

Mary suspirou. "Muitas das casas nesta área foram abandonadas quando os sanguessugas assumiram esta parte do território. Foi muito poucos anos atrás e seus números diminuíram significativamente desde então, mas a maioria das pessoas nunca voltaram para suas casas."

"Ou eles foram mortos pelos vampiros." David disse suavemente.

"Sim, isso é verdade." Mary concordou.

Um arrepio passou por Abby. "Por que você está viajando por aqui?"

David colocou a bolsa que carregava. "A nossa aldeia foi ultrapassada pelos sanguessugas. Aqueles de nós que escaparam da carnificina não tiveram escolha senão viajar desta forma. Nós vamos para *Karna*. É uma cidade maior e mais segura."

Abigail fez uma careta. Havia apenas quinze seres humanos no grupo e ela teve um mau pressentimento repentino. "Quão grande foi a sua aldeia?"

David olhou para Mary. "Havia mais de uma centena de nós."

"Oh, meu Deus." Abby sussurrou. "Vocês são tudo que sobreviveu?"



Mary balançou a cabeça e sentou-se em uma das camas. "Foi um grande ninho de sanguessugas. Se não tivesse sido por EOne e Val, nenhum de nós teria vivido."

"É por isso que vocês estão viajando com eles?" Perguntou Abigail. Sua mão se mudou para seu pescoço e ela tocou os dois pequenos furos na sua garganta.

Mary sorriu para ela. "EOne e Val juraram fidelidade aos seres humanos. Eles transformaram a partir de sua própria espécie e nunca vão nos prejudicar."

"Por que eles deixaram os outros vampiros?"

"Cada um deles tem sua própria razão e não é minha para compartilhar." Mary sorriu para ela antes de se levantar e bater palmas energicamente. "Chega de conversa por agora. Você precisa ter mais para comer e beber. Você ainda está muito pálida."

Ela virou-se para David. "Você vai ficar de olho nela? Fique com ela e ajude a distraí-la?"

"Eu não preciso de uma babá." Abigail fez uma careta.

"Eu sei disso." Mary respondeu. "Mas, Abby, por favor acredite em mim quando lhe digo que você não entende o que vai acontecer quando olhar para Val. David é grande, forte e vai ajudá-la a ficar longe de Val, não vai, David?"

"Sim, eu vou." David respondeu solenemente.

"Por que você está com medo de Val?" Mary perguntou de repente. "Uma vez que um vampiro mordeu um ser humano, eles não estão geralmente com medo deles."

"Eu não tenho medo dele." Abigail mentiu. "Ele me insultou e quase me matou por beber demais. Eu não o quero perto de mim novamente. E não se preocupe, eu posso me controlar. Confie em mim."

"Eu sei que você acredita nisso, Abby, mas..."

Ela parou e deu a David um olhar impotente.

David pegou a mão de Abigail na sua. "Abigail, venha para a cozinha comigo e eu vou fazer um pouco de chá."



Ele cheirou-a antes que a viu. Ele respirou fundo, um pequeno sorriso em seus lábios, quando o fluxo do sangue dela cantou docemente para ele.

Paciência, Val. Ela virá para você em breve.

"Val?" Neil pôs a mão no braço dele quando olhou além do ombro de Val. "Fique longe dela. Ela deixou claro que não quer que você a toque novamente."

Val sorriu para ele, suas presas piscando na luz fraca. "Eu não terei que chegar perto dela, Neil. Ela virá a mim e não vou negar a ela o que quer."

"Por que a mudança repentina? Você era inflexível ontem que não iria se alimentar dela novamente."

Val deu de ombros. "Talvez o meu tempo com os humanos voltou a centelha de minha própria humanidade. Vou me alimentar dela como vai me implorar para isso. Achei que minha decisão iria agradá-lo. A menos que você queira assistir a pobre menina enlouquecer?"

Ele podia senti-la na sala e ele piscou para Neil antes de se virar. Ele podia sentir suas presas alongando em antecipação e lembrou-se de manter a calma. O sangue dela tinha sido incrivelmente doce, nem a metade morrendo de medo. Hoje à noite ele iria seduzi-la, trazê-la o prazer, e seu sangue seria inimaginavelmente mais saboroso. Quase podia saborear a doçura de espessura, salgada.

David estava conduzindo Abby para a sala. Ele estava segurando a mão dela com força e quase a puxando através da sala para a cozinha e Val sorriu um pouco. Ele entendeu o que o menino estava tentando fazer, mas foi inútil. No momento que Abigail o visse, faria o que fosse preciso para chegar até ele.

Seu sorriso se alargou quando a cabeça de Abigail virou em sua direção. Ela olhou para ele, seus olhos castanhos escuros deslizaram através do seu rosto, antes de passar para Neil de pé ao lado dele. Ela sorriu brevemente para Neil e sem hesitar, seguiu David para a cozinha.



A boca de Val caiu quando Mary atravessou a sala e se juntou a eles. Seu rosto redondo espelhando sua própria surpresa e ela olhou para Neil.

"Você acabou de ver isso?" Ela sussurrou.

Neil assentiu enquanto Val fechou a boca com um estalo.

"Será que ela – acabou de me ignorar?" Ele mal podia cuspir as palavras.

Neil explodiu em gargalhadas e bateu Val tão duro na parte de trás que o vampiro cambaleou para frente. "Bem-vindo ao meu mundo, meu amigo sugador de sangue."

"É impossível. Ela deve estar..."

"Implorando para transar com você?" Neil perguntou grosseiramente.

Mary lhe deu um tapa de leve no braço. "Não seja rude, Neil."

Val estava olhando para a porta da cozinha e falou distraidamente. "Talvez seja porque eu não a seduzi em primeiro lugar. Talvez o medo de ontem à noite, de alguma forma bloqueou sua necessidade por mim."

Mary se virou para ele, com o rosto vermelho de raiva. "Você não a acalmou primeiro? Você só mordeu sem usar seus poderes para tranquilizar e acalmá-la? Seu imbecil!" Ela lhe deu um soco com força no peito. "Por que você faria isso com a pobre moça? Ela se ofereceu para salvar sua vida e a reembolsa por mordê-la enquanto estava assustada e confusa? Então você quase a matou por beber dela! Seu fodido egoísta sanguessuga!"

"Mary, acalme-se." Neil puxou a mulher pequena a distância de Val. Ela chutou com força na canela, ele estremeceu e deixou-a ir.

"Ela deveria ter deixado você morrer, Val." E sussurrou para ele antes de virar e pisar em direção à cozinha.

Neil virou para ele e Val realmente sentiu um pinga de vergonha ao ver a expressão no rosto do grande homem. "Por que você iria ser tão cruel com ela, Val?"

"Eu não sei."

Ele estava mentindo. Tinha feito isso porque tinha estado enojado com a ideia de uma humana ansiando, atrás dele, apesar de sua disposição para ajudá-lo. Além disso, tinha



estado tão certo de que seu sangue teria um sabor horrível que só desejou acabar com isso. Claro, que tinha mudado no momento em que a tinha experimentado. Agora a estava desejando, e nunca imaginou que seria capaz de resistir a ele.

"Você realmente acredita que é por sua crueldade que ela pode resistir a você?" Neil perguntou curiosamente.

Val balançou a cabeça. "Não. Eu tenho feito isso com outros seres humanos no passado e, embora isso ajudou a diminuir a sua necessidade um pouco, não diminuiu-a completamente."

Ele não sabia por que Abigail podia resistir a ele, mas estava determinado a descobrir.

"Abigail? Você está bem?" A mão quente de Mary tocou-a de volta, hesitante, e Abby olhou para cima de onde estava olhando para a mesa da cozinha.

"Bem."

Mary olhou para David. Ele estava derramando a água em uma panela e arregalou os olhos um pouco para ela.

"Eu vou colocar isso sobre o fogo na lareira." Disse David quando levantou a panela do balcão. "Nós vamos ter o seu chá pronto em apenas um pouco, ok?"

"Ok." Abby disse distraidamente. Ela havia retornado a olhar para a mesa.

"Abigail, você viu Val na sala de estar?"

"Sim."

"E você não sentiu nada? Não há necessidade para ele?" Mary falou hesitante, como se mesmo mencionar que iria fazer isso acontecer.

Abigail não respondeu, estendeu a mão e gentilmente levantou o rosto. Os olhos da menina estavam suaves e sem foco e Mary franziu a testa. "Abigail?"

Abby piscou rapidamente. "Sinto-me um pouco de um empate para ele." Ela admitiu que apertou os lábios com força. "Mas nada que eu não possa lidar."



"Você tem certeza? Val mudou de ideia sobre se alimentar de você outra vez."

"Ele tem? Quão generoso dele." Abigail disse sarcasticamente.

"Isso vai ajudar. Eu sei que foi assustador para você na noite passada, mas eles têm a capacidade de fazê-lo – bem – menos traumatizante. Vou pegar Neil falando com Val sobre ser gentil. E isso só será até que estejamos em *Karna*. Uma vez que estivermos na cidade que será mais fácil evitá-lo, e o desejo vai sair de moda."

Abigail sacudiu a cabeça. "Não. Eu não preciso de sua alimentação por pena. Estou perfeitamente bem."

"Abby, o que você está sentindo agora só vai piorar com o tempo."

Ela franziu a testa. "Você disse que iria ficar melhor."

"Só se você não estiver ao redor dele." Mary respondeu pacientemente. "Você não vai ser capaz de evitá-lo, e será pelo menos mais 10 dias antes de chegarmos a *Karna*."

Quando Abigail não respondeu, Mary apertou-a delicadamente. "Não há nenhuma vergonha em lhe permitir alimentar de você, Abby. É melhor do que ficar louca com a necessidade."

"Eu sou mais forte do que pareço, Mary." Abigail disse bruscamente. "Por favor, você vai sair um pouco? Eu gostaria de ficar sozinha."

Mary hesitou e depois assentiu. "Tudo bem."

Assim que ela tinha ido embora, Abby agarrou a borda da mesa até que seus dedos ficaram brancos. Ela fechou os olhos e começou a respirar, inspirações profundas planas através de seu nariz e, exalou longos suaves através de sua boca.

Seu corpo inteiro estava pulsando e pulsando com a necessidade de ir para Val. Ela continuou a segurar a mesa, sabendo que era a única coisa que a impedia de ir para o vampiro arrogante e pedindo-lhe para foder. Pedindo-lhe – o inferno, suplicando-lhe – mordê-la novamente.

Sua vagina pulsava quando ela imaginou deitada de costas e abrindo suas coxas para Val poderia ajoelhar-se entre elas. Seu pênis seria grande, grosso e a encheria completamente.



Ela sabia disso, assim como sabia seu próprio nome. Ele iria transar com ela até que estivesse implorando para gozar e quando finalmente a permitisse, iria afundar suas presas profundamente em sua garganta e o prazer iria intensificar até que ela...

Ela estava realmente começando a levantar quando obteve o controle de si mesma. Ela gemeu baixo em sua garganta, resistindo à vontade de enfiar a mão dentro da calça dela e esfregar seu clitóris. Mordeu o interior da bochecha até que podia sentir o gosto de sangue e forçou a concentrar-se na sua respiração.

Ela estava olhando para dentro, o lugar que tinha ido para a maior parte de sua infância e adolescência. Foi seguro, quente e depois de alguns momentos, ela escorregou para isto. O mundo exterior desapareceu, se sentou na grama quente e olhou para o campo de margaridas brancas. A brisa soprou suavemente e as pétalas esfregando fizeram um som como o sussurro suave.

Ela havia crescido no sistema de acolhimento e passou a maior parte de seus primeiros anos sendo embaralhando de casa em casa. Quando tinha sete anos, havia sido atribuída a um lar adotivo de um casal de idosos. No início, parecia maravilhoso, mas tinha rapidamente se transformado em um show de horror. A mulher tinha sido uma porca de trabalho religioso, ela tinha batido e abusado de Abigail em uma base diária. Ela havia ameaçado matar Abby se dissesse a assistente social e para evitar ir insana, Abigail tinha criado seu lugar seguro.

Ela supôs que era na verdade um sinal de sua própria loucura que poderia criar um mundo tão vívido e realista, mas seu lugar seguro a tinha salvo uma e outra vez. Os espancamentos, as horas de ser forçada em seus joelhos na frente de um grande crucifixo, tudo desapareceu quando estava em seu lugar seguro. Melhor ainda, ela estaria calma e no controle quando se permitisse voltar ao mundo real.

Não tinha havido nenhuma necessidade de ir ao seu mundo interno, em anos, mas agora, quando procurou-o para fora com um desespero nascido de pânico, ela voltou incrivelmente fácil. Pensamentos de Val desapareceram e seu aperto sobre a mesa soltou. Ela



olhou fixamente através do quarto. Uma pequena parte de sua mente estava ciente do murmúrio suave dos outros na sala de estar, da mosca que foi movimentando na janela, mas a maior parte de sua consciência estava totalmente envolvida em seu mundo de fantasia.

Quando David voltou com uma xícara de chá fumegante, ela estava sentada calma e relaxada na cadeira. Agachou-se ao lado dela e colocou o copo na frente dela, antes de tocar suavemente seu joelho.

"Abby?"

Ela sorriu para ele, seus olhos escuros nebulosos e distantes. "Sim, David?"

"Eu trouxe-lhe chá."

"Obrigada."

"Como você está se sentindo?"

"Muito bem, obrigada."

Ele esfregou sua grande coxa, a mão traçando pequenos círculos na parte superior do mesmo. Ela não pareceu notar.

Val estava na porta da cozinha e franziu a testa enquanto David esfregou e rodeou a coxa de Abigail. Ele teve que controlar a vontade de rasgar o homem longe dela e fez uma careta. *O que estava acontecendo com ele?*

"Abby, por que você não se junta a nós na sala de estar? Nós vamos comer em breve e..."

Abigail abruptamente estremeceu toda e com uma voz cantante baixo disse. "Ele está aqui."

"Olá Abigail." Val de repente estava em pé ao lado deles, David levantou-se e mudou-se de forma protetora na frente de Abby.

"Saia daqui, Val."

"Não."

As mãos de David cerraram os punhos e ele olhou para o homem maior. "Saia agora ou eu vou..."



"Você o quê?" Val riu, um som rico e profundo, e estendeu as mãos. "Você realmente acredita que tem uma chance contra mim?"

Com uma rapidez assustadora, ele envolveu sua mão ao redor do pescoço de David e levantou até que o homem estava pendurado em seu aperto. "Você seria sábio se não me atravessasse, jovem David. Estou com fome e ela tem o que eu quero."

David puxou inutilmente a mão de Val, suas pernas chutando enquanto seu rosto ficou vermelho.

"Deixe-o ir, Val." Sua voz era suave, mas ele deixou David cair imediatamente e se virou para ela, dispensando o rapaz completamente.

"Claro, pombinha."

Ele estava ao lado dela e resistiu ao impulso de acariciar o cabelo longo e escuro. Ela tinha destrançado-o e caiu no meio do caminho pelas costas em ondas escuras.

"Abby.." David disse ofegante, sua mão esfregando sua garganta. "... venha à sala de estar comigo."

"Deixem-nos, menino." Disse Val.

"Foda-se, sanguessuga," David cuspiu.

"Está tudo bem, David. Você deve ir." Disse Abby com a mesma voz suave.

"Venha comigo." David implorou.

Ela balançou a cabeça. "Não, eu estou bem."

Os lábios de Val curvaram-se num sorriso de triunfo quando David corou e saiu bruscamente da sala.

Abby estava olhando para a mesa na frente dela e Val ajoelhou-se aos seus pés. "Olhe para mim, Abigail."

Com um suspiro trêmulo ela se virou e olhou para ele. Seu sangue bateu no olhar de necessidade em seus olhos. Ela o queria, afinal de contas, podia sentir isso irradiando dela, e sentiu uma gota de alívio passar por ele.

"Devo me alimentar de você agora, doce Abigail? Gostaria disso?" Ele murmurou.



"Então você pode quase me matar de novo?" A neblina de desejo diminuiu e ele podia ver um pequeno lampejo de raiva em seus olhos.

Ele sorriu facilmente para ela. "Eu sinto muito por isso, minha pomba. Eu não queria tomar muito. Prometo a você que não vai acontecer novamente."

Ela bufou. "E por que eu deveria confiar em você?"

Ele deixou seu foco na mão logo acima e suas mãos firmemente entrelaçadas. Cristo, ela era de temperamento forte. Ele tinha feito um julgamento rápido dela na floresta e encontrou sua falta. Agora, vendo como ela lutou com sua necessidade para ele, podia sentir a sua admiração por ela crescer.

"Eu nunca vou te machucar, Abigail. Você é tão bonita."

"Mentiroso." Ela sussurrou. "Você pensa que eu sou gorda e feia. Você disse isso à última noite, lembra? Você disse que não iria se alimentar de mim de novo, porque eu era gorda e tinha gosto ruim."

Ele fez uma careta. "Sinto muito, minha pomba. Eu estava sendo um idiota. Eu não deveria ter dito isso e peço o seu perdão. Você é linda e saboreia delicioso. Eu gostaria muito de prová-la novamente."

"O peito resistente disse ao gatinho quando o leite secou." Ela disse suavemente e ele deu-lhe um olhar estranho.

"O que isso significa?"

"Isso significa que se perda, suma, dê a volta." Ela estava respirando superficialmente e suas mãos estavam apertando a borda da mesa compulsivamente.

Sua frustração cresceu e ele estendeu a mão e segurou seu rosto, sabendo que seu toque seria suficiente para convencê-la. Ela respirou fundo e fez um som suave de necessidade, quando todo o seu corpo estremeceu.

"Olhe para mim, Abigail." Ele ordenou.

Seus olhos se levantaram e ele sorriu. "Isso mesmo, minha pomba. Veja o quanto eu te quero, o quanto eu preciso de você."



Seu sorriso confiante desapareceu quando a luz desapareceu de seus olhos. Ela o olhou fixamente e ele franziu a testa. "Abigail, você pode me ouvir?"

Ela não respondeu e ele acariciou seu rosto com os dedos. "Abigail? Diga algo."

Ela continuou a ignorá-lo. Sua respiração era profunda, regular e ela tinha ido mole na cadeira. Era como uma boneca viva respirando, ele franziu a testa e estalou os dedos na frente do rosto.

"Abigail!" Ele disse bruscamente e ela empurrou um pouco.

"Vá embora, Val. Eu não quero que você se alimente de mim." Ela suspirou baixinho, os olhos ainda em branco.

Ele deu um grunhido de frustração e saiu da sala.



Capítulo Quatro

"Como ela está fazendo isso? Você sabe?" Mary perguntou a Neil suavemente.

Fazia três dias, haviam passado horas do dia viajando e suas noites escondidas em várias casas. Esta noite foi à primeira noite que não tinha encontrado uma casa abandonada e tinham sido forçados a acampar em campo aberto. O grupo inteiro estava tenso, nervoso e aderindo perto da pequena fogueira, sem fumaça que Neil havia criado.

Neil sacudiu a cabeça. "Eu não faço ideia. Eu nunca vi um ser humano resistir a um vampiro do jeito que ela faz."

Mary hesitou. "É como – penso – é como se ela vai para dentro de si. Ela está lá, mas não está lá, sabe? Ela simplesmente desaparece e fecha todos nós, mas especialmente Val."

Neil concordou. "Sim. Isso está dirigindo Val louco."

"Está deixando-a louca também. Ela está deslizando, Neil. Ela construiu esta armadura folheada de ferro em torno de si mesma, mas está começando a quebrar. Ela está quase dormindo e não tem muito apetite. Se David e eu não a olharmos e lembrá-la de comer, eu não acho que iria comer em tudo."

"Por que ela não vai deixá-lo se alimentar dela?" Perguntou Neil.

"Provavelmente porque ele foi um idiota e a assustou a primeira vez que se alimentou."

Neil sacudiu a cabeça. "Ele tem estado ativamente a tentar seduzi-la pelos últimos três dias. Isso deveria ter facilmente substituído seu medo."

"Temos que fazer alguma coisa." Mary disse desesperadamente. "Eu vou falar com ela novamente, e tentar convencê-la a..."



"Não, não." David se sentou ao lado deles. "É admirável o que ela está fazendo. Esses malditos sanguessugas pensam que podem fazer o que quiserem com a gente, e ela está mostrando-lhes que não pode ser controlada."

Mary franziu a testa para ele. "A que custo? Sua sanidade? Ela está quebrando sob a pressão, David."

"Ela está bem." David disse com desdém.

"Não, ela não está!" Mary estalou.

"Seja como for, Mary. Você nem sequer a conhece."

"E você acha que faz?"

"Eu tenho passado muito tempo com ela nos últimos três dias. Nós falamos e eu a ajudo a ignorar esse sanguessuga idiota à noite. Ela é uma boa e doce menina e não precisa ser corrompida mais longe por ele."

Ele se levantou e andou em torno do fogo para Abby. Sentou-se no registro ao lado dela e colocou o braço sobre os ombros. Ela deu-lhe um sorriso distraído cansado antes de olhar para as chamas.

"Alguém tem uma queda." Neil disse secamente.

Mary suspirou. "David odeia os vampiros, Neil. Ele sempre tem e sempre terá. Será que ele tem uma queda por ela ou está apenas usando-a para dirigir Val louco?"

"Eu não sei, mas ele é a menor das nossas preocupações. Precisamos tentar convencer Abby para permitir que Val se alimente dela."

"Sim." Mary olhou em volta. "Onde está Val de qualquer maneira?"

"Ele saiu para caçar esta noite com EOne. Ele foi adiando, convencido de que iria se alimentar de Abigail, mas não conseguia segurar por mais tempo."

Abigail se levantou, esfregando sua testa, e David imediatamente foi com ela.

"Aonde você vai?"



Ela socou a pontada de irritação que sentia em sua merda e forçou-se a sorrir para ele.

"Eu preciso usar o banheiro."

"Eu vou com você."

"Não, não vai." Ela fez uma careta para ele. "Eu sou bem capaz de fazer xixi por mim, obrigada."

Ela afastou-se rapidamente, antes que ele pudesse protestar e desapareceu entre as árvores. Ela caminhou alguns passos até que estava escondida do parque de campismo e puxou as calças para baixo. Ela enfiou a mão no bolso e tirou a pequena quantidade de papel macio que Mary lhe dera para este fim, antes de descer de cócoras e fazer xixi rapidamente. Ela não podia acreditar o quão rápido tinha ajustado para fazer xixi no chão.

Ela se levantou e puxou para cima suas calças. Ela hesitou – não queria voltar para o acampamento, ainda não. As vozes dos outros, sua própria presença, foi irritando-a mais e mais. O que ela se preocupou com sua conversa fiada ou suas tentativas de amizade quando os pensamentos de Val martelavam constantemente em sua cabeça?

Ela esfregou a testa novamente. Mary tinha razão – foi piorando. Dificilmente passou um momento onde não estava pensando em Val. Quando não queria saber como seria para beijá-lo, para ter suas mãos fortes em seus seios nus, e sentir suas presas em sua carne mais uma vez. Para piorar a situação, toda vez que se virou ele estava lá, olhando para ela com aqueles olhos cinza prateado que praticamente pingavam sexo. Ele estava tentando seduzi-la, sabia disso, sem dúvida, e ele estava fazendo um trabalho notável.

Ela mal conseguia se lembrar da dor de sua primeira alimentação. Tudo o que podia imaginar agora era a sua mão dura apertando seu peito e coxa empurrando contra seu núcleo. Quando olhou para ela, seus olhos prometeram longas noites de prazer inimaginável e ela queria desesperadamente lhe dar.

Ela lançou um suspiro longo e trêmulo. Foi ficando cada vez mais difícil de escorregar em seu lugar seguro. O som da voz profunda de Val ou uma imagem da sombra escura no



queixo seria cortado em seus pensamentos assim como ela estava sentada no campo de flores, e ela seria arrancada de seu mundo de sonho apenas assim.

Ela deveria ter estado surtando sobre ser levada para alguma outra versão da Terra por uma esfera brilhante gigante. Ela deveria ter estado dando um pouco sobre como ela poderia retornar ao seu próprio mundo, mas nada disso parecia importar. A única coisa que importava era Val.

Por que você está se torturando assim, Abby? Ele te quer e você o quer. Deixe-o tomar o que ele quer. Ele prometeu que não iria machucá-la e talvez então você pudesse dormir um pouco. Deixe-o se alimentar de você apenas uma vez. Não há nenhum mal em permitir que ele tome uma pequena quantidade. E eu aposto que se pedir doce o suficiente, ele vai te foder com esse grande, pau duro. Ele poderia...

Ela balançou a cabeça. Val a tinha insultado na frente de uma sala cheia de pessoas que acabara de conhecer, disse a Neil e EOne para deixá-la na floresta para morrer. Ela o odiava.

Ela o deixou alimentar dela uma vez, porque lhe devia uma dívida. Ela tinha pago na íntegra e lhe devia nada agora. Se pode passar quase 12 anos de abuso e delírio psicótico de sua mãe adotiva, poderia passar por isso. Só mais uma semana ou assim e eles estariam em *Karna*, e nunca teria que vê-lo novamente. Ela iria se concentrar em encontrar o caminho de casa.

Uma pequena luz bruxuleante chamou sua atenção e ela franziu a testa e mudou-se ainda mais dentro da floresta. Sua respiração ficou presa na garganta quando viu a pequena criatura lutando silenciosamente em uma grande teia amarrada através dos baixos ramos de uma árvore.

Ela se aproximou e inspecionou a criatura lutando. Era do sexo feminino, com cabelo cor de violeta de comprimento e um corpo magro coberto por um fio de tecido verde. Sua pele era um rico, roxo escuro e ela estava brilhando intensamente. Ela estava prestes a tirar de uma faca de manteiga, a pequena criatura fez uma careta para ela enquanto se contorcia e



se virava na teia pegajosa. Abby realizou com um tipo de dormente surpresa que as grandes, asas quase invisíveis brotaram de suas costas. As asas foram atualmente dobradas contra seu corpo minúsculo. Fios da teia cruzavam seu corpo firme e quanto mais ela lutava, mais emaranhado apertado sobre ela.

"Coitadinha." Abigail murmurou. Ela estava chegando para ajudar a pequena criatura quando EOne falou de sua esquerda.

"Deixe-o, Abby."

Ela suspirou e virou-se, deixando cair seus olhos imediatamente para o chão quando ela percebeu que Val estava ao lado de EOne. Era melhor, mais fácil, resistir-lhe se ela não o olhasse.

"O que é isso?" Ela sussurrou, virando-se para olhar a criatura ainda lutando na teia.

"Ela é um duende." EOne disse descuidadamente. Ela mudou-se para frente e olhou para ele. "Ela voou perto demais da teia e em breve será a próxima refeição de aranha."

Abigail fez uma careta. "Nós temos que ajudá-la."

EOne riu. "Duendes são pequenas criaturas podres, Abby. Confie em mim, não há nenhuma falta deles e um a menos no mundo será uma bênção. Ela provavelmente vai mordê-la no minuto em que libertá-la de qualquer maneira. Eles odeiam os seres humanos."

"Então isso significa que eu deveria deixá-la morrer?" Abby olhou para ela.

"EOne está certa." Val falou calmamente atrás dela. "Duendes nunca estão sozinhos. O fato de que nenhum de sua própria espécie veio a frente para ajudá-la, significa que há algo de errado com ela. Deixe-a ao seu destino."

EOne a pegou pelo braço e começou a levá-la para longe do duende. "Vamos, Abby. Não é seguro para você estar aqui na floresta sozinha."

Com um show surpreendente de força, Abigail puxou o braço e correu de volta para a teia de aranha. Antes que EOne ou Val pudessem impedi-la, ela tinha rasgado a duende livre da teia e, levando-a frouxamente em uma mão, marchando de volta para o acampamento.



Ela sentou-se na tora ao lado do fogo e começou a desembaraçar cuidadosamente os longos fios de teia do pequeno corpo da duende. A duende estava silenciosamente em sua mão, olhando desconfiada para ela, enquanto os outros se reuniram ao redor.

"Ugh. Um duende." O nariz de Erin enrugou com desgosto. "Essas pequenas coisas são vis."

Mary sentou-se ao lado dela. "Onde você achou isso?"

"Ela foi presa em uma teia de aranha." Abby disse distraidamente. Ela estava tentando remover a teia pegajosa das asas delicadas e estava preocupada que iria rasgar das costas.

A duende estremeceu e sua boca abriu-se de dor, mas não saiu nenhum som.

"Sinto muito pequena." Abigail sussurrou baixinho.

"Aqui." Mary tinha deixado e voltou com um pano úmido. Abigail roubou-o delicadamente pelas asas da duende. Isso ajudou a soltar a teia, e ela cuidadosamente descascou os fios longe de suas asas, antes de começar a trabalhar sobre os fios pegajosos que prendiam seus braços e pernas.

"Você deveria tê-la deixado na teia para morrer." Bert olhou para a duende desinteressadamente. "Eles não são nada, além de pragas."

"Fique quieto, Bert!" Menora, uma mulher suave e tranquila que não tinha dito mais de cinco palavras para Abby, disse ríspidamente. "Você é um babaca às vezes."

Landon falou de seu lugar junto ao fogo. "Ouvi dizer que os duendes dão boa sorte."

"Eles não dão." Disse Davi, sem rodeios. "Bert está certo – eles são pragas irritantes."

Abigail ignorou todos eles e continuou a desenrolar os fios da duende. Após cerca de quinze minutos, a pequena criatura estava completamente livre dos fios. Ela deitou tranquilamente na palma da mão de Abby e Abby franziu a testa.

"Talvez ela precise de um pouco de água. Ela estava lutando muito. Ela deve estar com sede."



Sem falar Neil trouxe-lhe um copo de água e Abby mergulhou seu dedo para ele. Ela segurou-o sobre a duende e deixou um pequeno respingo da gota para seu rosto. A duende se encolheu e olhou para ela.

"Eu sinto muito." Abby sorriu para ela. "Eu achei que você poderia estar com sede."

A duende se levantou, os pés descalços descansando firmemente contra a palma da mão de Abby, e segurou suas mãos. Abigail mergulhou seu dedo no copo de água novamente e balançou mais uma gota de água do seu dedo para as mãos da duende. A duende bebeu profundamente de suas mãos em concha, e Abigail engasgou com prazer quando ela sacudiu-se e as suas asas desfraldaram de seu corpo.

Ela vibrou-as rapidamente para trás e a frente, seu corpo levantou-se algumas polegadas da palma da mão de Abby. Ela pairou como um pássaro zumbindo por um segundo ou dois quando seu minúsculo corpo começou a brilhar, e então de repente se lançou para o céu noturno. Ela subiu mais alto e Abby seguiu a pequena luz brilhante até que desapareceu entre as árvores.

"Pequena lesma ingrata." Disse Bert, mas Abigail apenas deu de ombros e voltou a olhar para o fogo. A duende tinha conduzido pensamentos de Val de sua mente pela primeira vez em dias, mas já podia senti-lo se contorcendo de volta em seu cérebro como uma coceira que não poderia arranhar.

Oh ele poderia riscar esse comichão para você, não se engane sobre isso.

Ela estremeceu e olhou melancolicamente para as pequenas chamas douradas. Só mais uma semana – ela poderia fazer isso.



Capítulo Cinco

"Você tem um admirador secreto." Neil cutucou delicadamente enquanto ela andava constantemente atrás da carroça. Suas coxas doíam e suas costas doíam de quatro dias seguidos de uma curta, mas ignorou-o severamente. Teria sido muito pior se não tivesse se exercitado por alguns meses antes que fosse sugada de seu mundo a este.

"O que você está falando?" Ela levantou o rosto para a luz do sol do fim da tarde e ignorou a pequena voz que pediu a ela para subir no compartimento abaixo do vagão e juntar-se a Val no seu sono.

"Olhe para a esquerda, rapidamente."

Ela olhou e piscou surpresa quando viu a pequena duende fugir fora da vista atrás de um arbusto grande pontilhado com bagas alaranjadas.

"Há quanto tempo ela esteve lá?" Ela perguntou em voz alta.

Neil deu de ombros. "Eu a observei cerca de uma hora atrás."

"Por que ela só não veio para mim?" Perguntou Abby.

"Francamente, estou surpreso que ela está mesmo seguindo você. Duendes realmente não gostam de seres humanos."

"Por quê?"

"Eu não sei. Talvez seja porque nós os tratamos como pragas."

"Val disse que eles viajam em grupos."

"Sim, normalmente. Se você encontrar um sozinho normalmente é porque algo está errado com ele e os outros têm impulsionado-o do bando. Para ser honesto, ela não vai sobreviver por muito tempo sozinha."

Abigail fez uma careta. "Coitadinha."



Neil deu um tapinha em seu ombro gentilmente. "Você lhe deu uma chance, pelo menos."

"Eu acho."

"Posso falar com você sobre algo, Abby?" Perguntou Neil.

Ela o olhou com curiosidade. Pela primeira vez durante todo o dia, David tinha deixado seu lado, juntando-se Landon e Bert em uma discussão animada sobre algo chamado Barnen. Pelo que ela podia dizer, era uma espécie de jogo de cartas e parecia levá-lo muito a sério.

"O que é isso?"

Neil olhou para ela gravemente. "Você deve deixar Val se alimentar de você."

Ela endureceu e se virou. "Não. Ele me insultou e disse-lhe que me deixasse na floresta para morrer."

"Ele também salvou sua vida na floresta." Neil lembrou a ela suavemente.

"E eu paguei-o de volta por isso, ao salvar sua vida." Ela cuspiu. "Eu não lhe devo nada."

"Eu sei." Neil deu um tapinha no ombro dela suavemente. "Você deve deixá-lo se alimentar de você, não porque lhe deve alguma coisa, mas porque, francamente, você está ficando louca."

"Eu não estou. Estou cansada." Ela negou.

"Abby, é incrível que você já durou tanto tempo, mas não pode continuar assim. Você vai ficar louca antes de chegarmos a *Karna*."

"Eu aprecio sua preocupação, mas você não me conhece, Neil. Você não tem ideia do quão forte eu realmente sou. E vou fazer isso para *Karna* muito bem."

"Eu falei com Val. Eu sei que ele foi – cruel antes, mas se sente mal com isso e quer a chance de fazer as pazes com você. Ele será gentil e terá apenas o suficiente de seu sangue para acalmar sua necessidade."



Ela riu alto. "Ele se sente mal? Diga-me, Neil, exatamente como uma sanguessuga sem alma se sente mal?"

"Os vampiros têm alma, Abby."

Abby franziu a testa para ele. "Não, eles não o fazem. Todos os livros e programas de TV dizem que não."

"TV?" Neil olhou para ela com ar de dúvida.

"Não importa." Ela balançou a cabeça, impaciente. "Eles não têm alma, e não sentem remorso ou amor ou gratidão. Eles estão mortos. Eles não têm batimentos cardíacos e sem capacidade de sentir a forma como fazemos. Toda a gente sabe isso."

"Você está errada, Abby. Vampiros têm corações que batem apenas como seres humanos e s são capazes de sentir todas as emoções que os humanos. Eu já vi isso por mim mesmo."

Abigail piscou surpresa e cansada. "No meu mundo, eles são mortos-vivos. Seus corações não batem e não têm alma."

Neil sorriu um pouco. "Seu mundo parece um lugar horrível para viver."

Ela balançou a cabeça. "Não é. É perfeitamente maravilhoso e, além disso, os vampiros não existem realmente no meu mundo. Eles são apenas um – um conto de fadas."

"Que estranho. Acredite em mim, Abby, a razão que os seres humanos odeiam os vampiros é porque eles se alimentam de nós como gado e olham para nós como nada mais do que brinquedos para sua diversão. Os seres humanos não os temem, porque são mortos-vivos. Embora eu vá admitir que EOne e Val são gentis com os seres humanos do que a maioria dos vampiros são." Neil murmurou.

Ele hesitou e depois tentou novamente. "Val não é o monstro que você pensa, Abigail. Deixe-o alimentar..."

"Tudo bem, eles têm alma e sentimentos e blá, blá, blá. Eu não me importo. Val é um imbecil. Se ele se sente tão mal e quer ajudar, diga-lhe para ficar longe de mim então. Eu não preciso dele olhando para mim cada vez que me viro." Disse ela irritada.



"Ele já está." Neil apontou. "Será que você não notou a forma como te evitou na noite passada?"

Ela balançou a cabeça. Ela passou a maior parte da noite após a duende ter voado para longe, pairando em seu mundo de sonho. Sua necessidade de Val tinha sido quase inegável na noite passada.

"Ele fez." Neil olhou para as faixas das rodas do vagão que estavam deixando na terra macia. Ele tinha estado chocado quando Val não tinha tentado seduzir Abby noite passada. Ele havia conhecido o vampiro por muitos anos e nenhuma vez tinha Val sempre colocado as necessidades de um ser humano sobre suas próprias necessidades. Ele tomou o que queria, independentemente das consequências. O fato de que ele tinha ido caçar e bebeu sangue de veados em vez de apenas tomar o que queria de Abby tinha sido surpreendente.

Lembrando como ela tinha guardado a duende noite passada, ele tentou uma rota diferente, esperando apelar ao seu óbvio desejo de ajudar os outros. "Você não é a única que sofre, Abby. Val também sofre. Eu nunca o vi ansiar por um ser humano do jeito como faz por você."

Ela hesitou e ele sentiu um breve vislumbre de esperança antes de sua face recuar em uma carranca teimosa.

"Deixe-o sofrer."

Os olhos de Val abriram no momento em que o vagão parou. Ele podia sentir a luz e esperou impacientemente para que desaparecesse do céu. Seus pensamentos se voltaram para Abigail como sempre fizeram, e uma combinação de necessidade e preocupação fluiu através dele. O que começou como uma obsessão para o sangue dela tinha evoluído ao longo dos últimos dias em uma obsessão a ela.

Embora ele quisesse desesperadamente provar o sangue dela de novo, também queria estar com ela. Ele ficou chocado ao perceber que pensou que ela era uma das mais belas seres



humanas que já tinha visto. Seus olhos e cabelos escuros, sua pele pálida, tinha-o meio duro a cada vez que estava perto dela. David já estava meio apaixonado por ela. Ele podia entender o porquê. Ela era doce, bondosa e, apesar de sua óbvia confusão sobre o que estava acontecendo, ela estava corajosamente tentando fazer o melhor de sua nova vida.

Ela não tinha comido na noite passada. Normalmente David ou Mary fizeram com que ela comesse, mas tinham estado distraídos pela duende. Se ele não tivesse vindo a fazer um esforço consciente para tentar ajudar a sua sanidade por ficar longe dela, ele teria trazido sua comida e a feito comê-la. Ele finalmente tinha ido para Mary e lhe disse, mas já era tarde até lá e Abigail recusou-se a comer.

Ele suspirou. Mesmo depois de apenas alguns dias, ela tinha perdido peso. Suas calças emprestadas, muito grandes para começar, eram visivelmente maiores e sua camisa não abraçava suas curvas quase tanto quanto. Ele respirou fundo, quando imaginou os seios grandes. Ele queria despir, beijar cada parte de seu corpo e fazê-la gozar repetidamente. Ele queria enfiar seu pênis profundamente dentro dela e sentir seu calor agarrando-o quando ele mergulhasse dentro e fora de sua boceta apertada.

Seu pênis endureceu e latejava em suas calças e ele lançou sua respiração em um silvo longo fôlego. EOne se virou para ele, seus olhos vagando por seu corpo, e um pequeno som de excitação escapou de sua garganta.

Ela enrolou-se a ele e pôs a mão no seu pau, esfregando e apertando-o através de suas calças. "Você quer, Val? Tem sido anos desde que nós acoplamos, mas eu não sou inteiramente contrária à ideia de foder você de novo."

Ele bateu a mão com um rosnado baixo. "Fique longe de mim, EOne."

"Tudo bem." Ela disse ofendida. "Você não tem que ser um babaca sobre isso."

Ele não respondeu ao ouvir Neil aproximando do compartimento. A porta se abriu e ele deslizou para fora, seus olhos procurando a luz fraca por Abigail. Ela estava a poucos pés dos outros, olhando hipnotizada para a grande flor rosa que se abria à sua frente.



Horror correu por ele, e gritou seu nome enquanto voava-relâmpago através da clareira.

Abby suspirou e inclinou-se, esticando as costas doendo. Eles tinham parado para a noite e estava feliz que logo estaria fora de seus pés doloridos, mas o sol significava que Val iria acordar de seu sono do dia. Ela estremeceu e fechou os olhos.

Por favor, deixe que ele fique longe de mim esta noite. Eu não tenho a força para resistir-lhe mais.

Ela endireitou-se e olhou em volta. Eles tinham encontrado uma pequena casa com um celeiro ainda menor aninhado por trás dela. Os outros estavam carregando os suprimentos para a casa, e ela estava chegando para um saco do vagão quando a flor chamou sua atenção.

Ela se virou e olhou para isso. Era uma grande flor, cor de rosa em uma haste verde grossa. Isso acenou suavemente na leve brisa, como se acenando para ela, e percebeu com espanto doce que suas pétalas foram se abrindo. *Que tipo de flor abria à noite*, ela perguntou-se brevemente. Ela caminhou em direção a ela e se inclinou, olhando fixamente para o centro da flor. Um estranho, não desagradável cheiro, estava à deriva dela e ela podia ver pequenas hastes vermelhas que se desenrolam a partir do meio de suas pétalas macias.

"Tão bonita." Ela murmurou e se aproximou mais.

Ela ouviu Val gritar seu nome, assim quando as hastes vermelhas dispararam suas pequenas lanças diretamente em sua garganta. Havia pequenas alfinetadas de dor e, em seguida, Val estava de pé ao lado dela, o seu forte braço em volta dos ombros, e ele estava puxando-a para longe da flor e arrancando as lanças de sua garganta.

"Abigail! Abigail! Fique acordada!" Ele gritou para ela.

A luz estava escurecendo e suas pálpebras estavam crescendo incrivelmente pesadas. Uma estranha paralisia rastejou sobre seu corpo e com o último de sua força que ela arranhou o rosto de Val. Ela tentou dizer o nome dele, mas nada passou os lábios, além de



um gemido sussurrando macio. A última coisa que viu antes que a escuridão a reclamou foi o rosto pálido e preocupado de Val.

"O que vamos fazer?" Val gritou para Neil. Ele estava sentado no chão segurando Abigail e deu a Neil um olhar de puro pânico.

Neil, seu pálido rosto, sacudiu a cabeça. "Não há nada que possamos fazer, Val. O veneno da flor já entrou em sua corrente sanguínea. Ela estará morta dentro de uma hora."

Val rosnou para ele e puxou Abigail mais perto antes de olhar para os outros. "Um de vocês humanos inúteis deve conhecer um antídoto, uma maneira de salvá-la."

Quando eles não responderam ele deu um grito de raiva e raiva que todos eles se encolheram feitos. David se aproximou e Val rosnou para ele. "Não toque nela."

David afastou-se quando Val olhou para o rosto de Abby. Ele escovou os cabelos para trás de sua pele suave e embalou-a para frente e atrás. "Acorde, pombinha." Ele sussurrou suplicante.

Mary ajoelhou-se ao lado dele e pegou a mão de Abigail. Já estava ficando fria quando o veneno trabalhou seu caminho através de seu corpo.

"Val." Ela falou, hesitante. "Você poderia transformá-la."

"Não!" Ele sacudiu a cabeça. "Eu não vou fazer isso com ela."

"Ela está morrendo, Val." Mary disse gentilmente.

"Mary está certa." EOne agachou ao lado deles. "Se você quer que ela viva, então, transforme-a."

"Isso não é viver!" Val assobiou para ela. "Além disso, não posso transforma-la de minha mordida sozinho. Ela deve beber meu sangue. Como é que vamos fazê-la beber?"

"Derramamos para baixo de sua garganta. Isso vai trabalhar bem o suficiente." EOne deu de ombros descuidadamente. "Ou não. Não importa para mim se humanos vivem ou morrem."



"Deve haver outra maneira." Val deu a Neil e Mary um olhar aflito.

"Não há." Mary disse suavemente. "Não existe um antídoto para o veneno da flor. Você sabe disso, Val."

Ele olhou para ela e colocou a mão em seu peito. Já podia sentir desaceleração de seus batimentos cardíacos e sua respiração era superficial e muito lenta. Ele deu um grito baixo de angústia e abriu a boca, deixando suas presas estenderem quando inclinou a cabeça para trás.

Antes que ele pudesse mergulhar suas presas em sua garganta, houve uma dor pungente afiada quando algo mordeu o lóbulo da orelha. Ele apontou quando a duende rasgou seu rosto. Ela estava lhe dando um olhar furioso e o mordeu no nariz antes de descer e aterrar no ombro de Abigail.

"Afastese dela, inseto!" Ele estendeu a mão para apertá-la e ela imediatamente emaranhou-se no cabelo escuro longo de Abigail.

"Pare com isso!" Ele cutucou para ela e deu um baixo murmúrio de dor quando ela mordeu-o na ponta do seu dedo. Seus dentes eram pequenos, mas agulhas afiadas, e uma gota de sangue caiu antes de seu corpo rapidamente curar-se.

Ela mostrou os dentes para ele em um grunhido silencioso antes de desembaraçar-se cautelosamente do cabelo de Abigail.

"Deixe-a." Mary sussurrou.

"Ela está morrendo." Val disse entre dentes. "Eu preciso transformá-la antes que seja tarde demais."

"Basta dar-lhe um minuto." Mary insistiu.

Os outros se aglomeraram ao redor, observando com curiosidade, enquanto a pequena duende pairou sobre o rosto de Abigail. Ela afagou o rosto de Abigail com as mãos, em seguida, pressionou a boca suavemente contra o lábio inferior de Abby antes de voar para baixo e pousando em sua clavícula.

Ela se inclinou para frente, com as mãos nos quadris e suas asas vibrando suavemente, e estudaram as marcas das lanças no pescoço de Abby. Ela se endireitou e levantou-se



algumas polegadas no ar até que estava pairando sobre o pescoço de Abigail, diretamente acima das marcas. Elas estavam brilhando vermelho e Val podia ver as linhas vermelhas de infecção já se espalhando por todo seu pescoço pálido.

"O que ela está fazendo?" Neil sussurrou.

"Eu não sei." Disse Mary.

A duende olhou rapidamente para Val antes de girar ao redor para enfrentar Abigail. Ela bateu as mãos juntas em um ritmo rápido e constante.

Val fez uma careta. "O que..."

Mary suspirou baixinho quando a substância similar a glitter – diminuiu de mãos ritmicamente – batendo da duende. Isso se estabeleceu como poeira sobre a garganta de Abby e as marcas foram rapidamente enterradas sob a poeira levemente brilhante. A duende bateu mais duro. Suas asas se agitaram até que elas eram nada mais que um borrão, e seu pequeno corpo estava cintilando tão brilhantemente que lançou uma luz fraca ao longo de todo o grupo.

Val estremeceu de surpresa quando Abigail se contraiu em seus braços e deu um suspiro afiado, estremecendo. A duende sorriu e parou de bater palmas. Ela voou alguns pés de distância e pairou, observando quando Val tirou o pó de pirlimpimpim da garganta de Abby.

Mary prendeu a respiração. "Meu Deus."

As marcas das lanças foram embora como foram às linhas vermelhas de infecção. Val olhou para a duende. Ela estava lhe dando um olhar presunçoso de satisfação e mostrou a língua para ele.

Ele a ignorou e segurou o rosto de Abby. "Abigail, você pode me ouvir?"

Suas pálpebras tremeram, ela abriu os olhos e olhou para ele.

"Como você se sente, pombinha?"

Ele percebeu pela primeira vez em dias que estava olhando diretamente para ele e não desvaneceu-se em si mesma. Ele sorriu para ela e deu-lhe um sorriso doce em troca.



"Val." Suspirou o nome dele suavemente e sua mão subiu para segurar a parte de trás do pescoço. "Beije-me, por favor."

Ela puxou seu pescoço e ele inclinou a cabeça e pressionou sua boca contra a dela. Ela gemeu em sua boca e quando ele passou a língua pelos lábios, separou-os ansiosamente. Ele estava apenas deslizando sua língua em sua boca quando ela foi transportada de seus braços. Suas presas rasgaram sua boca, e deu um grito agudo de dor misturada com frustração enquanto David arrastou-a para longe dele. Val saltou para seus pés. Não havia uma única gota de seu sangue em seu lábio e ele lambeu-o para longe, seu corpo estremecendo ao sabor doce, antes rosnar e mostrou suas presas para o homem.

"Dê-lhe de volta para mim agora ou eu vou te matar onde está, humano."

"Não." David estava com medo, Val podia sentir o cheiro saindo dele em ondas lentas, mas apertou seu braço em volta dos ombros de Abby quando ela se inclinou contra ele e tocou-lhe a boca sangrando.

"Pombinha, eu sinto muito." Ele não tirou os olhos de David. "Eu não tive a intenção de te machucar."

"Está bem. Eu – Eu estou bem." Ela gaguejou.

"Bom." Ele voltou seu olhar para ela e estendeu a mão. "Venha a mim, Abigail."

Ela deu um passo à frente, seu olhar ardente no dele, e depois David foi puxando-a para trás. "Não, Abby. Mantenha-se forte."

Ela balançou a cabeça ao som da voz de David e o feitiço entre eles quebrado. "Por favor, posso deitar? Eu estou muito cansada."

"Claro." David começou a ajudá-la a andar até a casa e Val vaiou de fúria. Ele tinha o suficiente da interferência de David. Ele iria matar o humano e ser feito com ele. A mão dura de Neil caiu sobre seu braço.

"Não, Val."

Val olhou para a mão de Neil e, embora ele pudesse ter arrancado o braço do homem com facilidade, permitiu que o puxasse a parar.



"Se você matá-lo, ela nunca vai te deixar tocá-la novamente. Você sabe disso. Use sua cabeça."



Capítulo Seis

Abigail sentou com as pernas cruzadas sobre a cama e tocou o corte em seu lábio. Ela tinha quase morrido, foi curada por uma duende e beijou Val. Beijar Val era a única coisa que ela se preocupava. Suspirou e olhou pela janela a escuridão. David queria ficar com ela, mas depois de meia hora que lhe pediu para sair.

Ela não queria ferir seus sentimentos, mas podia sentir sua raiva pulsando e queimando dentro dela. Se não fosse por ele, ela estaria com Val agora. Ele estaria entre suas pernas, seu pau aliviando a dor entre suas coxas e suas presas aliviando a dor em seu cérebro.

Mais tarde, quando tivesse conseguido o controle de si mesma, seria grata a David, mas agora queria gritar com a frustração e raiva. Ela tocou a boca de novo, lembrando como era ter lábios firmes de Val nos dela. Ela esperava-os ser frios, mas eles não eram. Eles tinham sido quentes e tinha começado uma sede em suas veias que só ele poderia saciar.

Ela respirou dentro e fora por alguns momentos antes de uma luz de fora da janela chamar sua atenção. A duende pairou fora e Abby não hesitou. Ela correu pela sala e abriu a janela.

A duende voou e ficou olhando nervosamente para ela.

"Olá, pequena. Obrigada por salvar minha vida." Abby disse suavemente. Movendo-se lentamente, ela se sentou com as pernas cruzadas sobre a cama, secretamente feliz quando a duende seguiu e caiu sobre seu joelho. Ela imitou a postura de Abby, plantando sua pequena bunda na perna de Abby e cruzando as pernas roxas longas.

"Qual é seu nome, pequena?" Perguntou Abby.

A duende inclinou a cabeça para ela, mas não respondeu.

"Você pode falar?"



A duende balançou a cabeça antes de abrir a boca e fazendo um gesto de vibração ao longo de sua garganta e na frente de sua boca aberta com as mãos. Ela fez movimentos agarrando desesperados antes de um suspiro e pendurar a cabeça.

"Sua voz foi roubada de você?" Abby franziu a testa.

A duende assentiu gravemente.

"É por isso que a sua própria espécie te rejeita?"

A duende fez um movimento delicado encolhendo os ombros e olhou aborrecida para o teto.

"Eu me pergunto qual é o seu nome." Disse Abby. "Talvez eu possa adivinhar."

A duende saltou para seus pés, suas asas esvoaçantes, e fez um gesto animadamente em Abigail.

"Está bem, está bem. Deixe-me tentar. Hmm... É Gertrude?"

Abigail riu quando a duende deu-lhe um olhar de horror e cruzou os braços num acesso de raiva.

"Não é Gertrude. O que de Mabel?"

Desta vez, a duende pisou seus pés e se afastou. Abby tocou suas costas delicadamente com o dedo e a pequena criatura a encarou mais uma vez.

"Sinto muito por brincar com você, pequena. Deixe-me tentar de novo. É Sara? Melody? Madison? Vanessa?"

A duende balançou a cabeça em cada nome e Abigail deixou escapar, "Tinkerbell?"

A duende revirou os olhos e fez um movimento de engasgos. Abigail riu novamente. "É impossível pequena. Eu nunca vou descobrir isso."

A duende olhou pensativa para ela por um momento e então ergueu a mão em um gesto 'me assista'. Abigail observou a duende imitar algo em sua perna. Sua mente cansada, ainda batendo devidamente com pensamentos de Val, tinha que vê-lo várias vezes. A duende repetiu os movimentos pacientemente até que a lâmpada acendeu no cérebro de Abby.

"Flores! Você está colhendo flores!"



A duende balançou a cabeça e bateu palmas com entusiasmo, saltando para cima e abaixo na perna de Abby.

"O seu nome é Flower?" Perguntou Abigail.

A duende balançou a cabeça e fez uma tentativa de novo movimento.

"Você tem nome de uma flor?" Abby disse lentamente depois de alguns minutos.

A duende balançou a cabeça novamente e, em seguida, acariciou o cabelo roxo longo antes de apontar para a pele em sua coxa nua.

Abby franziu o cenho quando fez isso novamente e novamente. Seus olhos se arregalaram. "Seu nome é Violet!"

Desta vez, a duende atirou para o ar e girou com alegria na frente de Abigail. Seu corpo minúsculo brilhava intensamente e uma pequena parte de pó de pirlimpimpim brilhante polvilhou para baixo dela e pousou no braço nu de Abby. O braço formigava agradavelmente por alguns segundos.

Abby estendeu seu dedo. "Sou Abigail. É bom conhecer você, Violet."

A duende voou para frente, agarrou o dedo de Abby em sua pequena mão e apertou-a com firmeza.

Abby suspirou e afundou na grama macia. As margaridas brancas a frente, para trás e ela ergueu o rosto para o sol quente. Ela olhou sonhadora para as nuvens que pontilhavam o céu como pequenas baforadas de fumaça. Ela podia sentir seu corpo relaxar e fechou os olhos. Estava tão cansada.

Uma sombra caiu sobre seu rosto. Val estava diante dela. Ele estava nu e seus olhos caíram para seu pênis ereto. Calor inundou sua pélvis e na barriga e ela gemeu baixinho quando ele se ajoelhou na frente dela e empurrou-a suavemente sobre as suas costas.

"Abra suas pernas, pombinha." Ele murmurou. Ela olhou-o nos olhos e deixou suas pernas abertas. Ele aninhou seu corpo no berço de seus quadris e na primeira sensação de



seu pênis contra sua vagina, ela se arqueou para cima. Ela estava tão nu quanto ele e tentou se lembrar de quando ela tinha tirado a roupa. Se tivesse sido antes ou depois que ela foi para o seu lugar seguro?

Ela colocou as coxas em torno de sua cintura e ele sorriu, suas presas piscando na luz do sol. Quando afundou seu pênis profundamente dentro dela, abaixou a boca para a garganta. Ela ergueu o queixo ansiosamente, ofegando ao sentir sua dureza pulsando dentro dela. Sua boca se aninhou seu pescoço e seus mamilos viraram seixos duros, quando os dentes tocaram contra sua pele. Ele abriu a boca e...

Abigail engasgou e rasgou-se fora de seu mundo de sonho. Ela sentou-se de seus cobertores no chão, estremeendo e tremendo e gemendo baixinho. Val tinha encontrado o seu lugar seguro. Ele tinha encontrado o seu lugar seguro e ia ficar louca, e...

Ela estava ofegante. Sua cabeça estava cheia e ela se sentiu fraca. Rapidamente, inclinou-se e colocou a cabeça entre as pernas, obrigando-se a respirar profundamente.

Respire. Respire. Apenas respire, Abigail. Apenas respire.

Após cerca de cinco minutos, ela estava mais calma e levantou a cabeça cautelosamente e olhou ao redor do pequeno quarto. A casa era pequena e todas as mulheres tinham amontado em um quarto para dormir. Ela virou a cabeça para a esquerda. Tinha feito a Violet uma cama com pequenos pedaços de tecido, e a duende mesma tinha escavado até agora sob eles que apenas o topo da cabeça dela estava mostrando.

O zumbido em seu cérebro tinha parado, mas sua vagina estava pulsando e pulsando ao ponto de dor. Sua fantasia sobre foder Val a tinha deixado molhada e pingando. Ela aliviou a mão sob as mantas e parou quando Erin fez um ruído de fungar macio, em seu sono.

Ela não podia se masturbar neste quarto cheio de mulheres. Ela estava tão excitada que quando gozasse, não haveria maneira de segurar seus gemidos de prazer. Inferno, gemidos? A maneira como ela se sentia agora, estaria gritando. Empurrou as cobertas e



levantou-se, rastejando passado as mulheres que dormiam e deslizando silenciosamente para fora do quarto.

Não havia lugar na casa que pudesse ir. Seus punhos enrolaram em frustração enquanto tentava pensar além da necessidade que estava fazendo todo o seu corpo vibrar. O celeiro. Ela iria para o celeiro e aliviaria um pouco dessa necessidade pulsante. Se não o fizesse, realmente ficaria louca.

Levou menos de cinco minutos para escapar da casa e entrar no celeiro. Os cavalos estavam em duas das barracas e eles bufaram sonolentos enquanto ela passou por eles até a terceira barraca vazia. Havia um cobertor dobrado sobre o lado da tenda e sacudiu-o rapidamente e colocou-o em todo o terreno. Ela estava usando calcinha, uma camisa longa e olhou para o cobertor antes de repente empurrar a mão dentro da calcinha. Ela encostou-se na tenda, com a respiração ofegante e suaves e gemidos, enquanto esfregava e acariciava seu clitóris rapidamente. Ela deslizou dois dedos em sua vagina apertada, arfando o nome de Val quando usou seu polegar para esfregar seu clitóris latejante.

Val caminhou lentamente através do celeiro, com os olhos colados ao tremor de Abigail atrás. Os cavalos relincharam nervosamente e se esquivaram dele, mas lhes pagou nenhuma atenção e nem Abby. Embora sua metade inferior estivesse escondida pelas paredes da tenda que ele sabia que ela estava tocando-se. Seu pênis estava duro, latejante e ajustou-se através de suas calças, tentando aliviar um pouco da pressão.

Quando ele a viu tentando entrar no celeiro, sua camisa branca brilhando suavemente na escuridão, ele tinha assumido automaticamente que ela estava encontrando alguém. David, sem dúvida. Ele tinha visto isso antes em humanos que cobiçavam um vampiro. Se eles não poderiam ter o vampiro, iriam foder tantos muitos seres humanos como poderiam em uma vã tentativa de reprimir os impulsos dentro deles.



Seu sangue tinha fervido com o pensamento de David tocá-la e tinha entrado no celeiro rapidamente, pronto para rasgar o homem fora dela. Ajuda tinha percorrido quando ele percebeu que ela estava sozinha. O alívio tinha sido enterrado sob um pulsar duro de luxúria quando pronunciou seu nome em um gemido macio.

Ele entrou na tenda atrás dela e, embora estivesse completamente em silêncio, as costas endureceu. Sabia que estava lá, cada nervo de seu corpo era altamente sintonizado com ele, e ela deu um gemido de desânimo, mas manteve a mão entre as pernas dela.

"Vá embora." Ela suspirou, sua mão esfregando furiosamente.

Ele pressionou contra ela, seu pênis empurrando contra seu traseiro quando chegou ao seu redor e segurou os seios pesados através de sua camisa. Ela gritou e arrancou a mão livre de sua calcinha. Ela agarrou o lado da barraca com as duas mãos, ele podia ver seus sucos brilhando em seus dedos, e beliscou seus mamilos duros entre os polegares e indicadores.

"Val!" Ela gritou e empurrou de volta contra ele, esfregando sua bunda contra seu pau e arqueando as costas.

"Deixe-me ajudá-la, pombinha." Ele sussurrou em seu ouvido. "Deixe-me tirar algumas das suas necessidades."

"Eu não preciso de sua ajuda." Ela gemeu quando ele estendeu a mão e acariciou uma coxa pálida antes de deslizar a mão sob sua camisa. Seus dedos traçaram o cóis da calcinha antes de se mudá-los sob o elástico. Ele deixou sua mão descansar contra seu estômago redondo quando ele chupou levemente em seu lóbulo da orelha.

"Você precisa, pombinha. Está molhada e dolorida, e precisa do meu pau. Eu posso sentir o quanto precisa dele."

Ele moveu a mão ainda mais para baixo até que seus dedos tocaram os cachos macios no ápice de suas coxas. Ela apertou as pernas juntas e mais uma vez admirava sua força de vontade. Ele usou a outra mão em virar o rosto para o dele e sorriu antes de beijá-la profundamente. Sua língua varreu sua boca, procurando e degustando e ela o beijou de volta ansiosamente.



Ele sugou o lábio inferior, sua língua rodando sobre o pequeno corte nele antes dele lança-lo com um pop suave. Ela estava ofegante e olhando para ele. Seu rosto estava corado com a cor e estava esfregando sua bunda várias vezes contra ele sem perceber.

"Eu não quero que os outros saibam que o deixei." Ela ofegava.

"Eu não vou me alimentar de você, Abigail." Disse ele de repente.

Ela engoliu em seco. "Você promete?"

"Sim eu prometo. Não vou morder até que me peça isso." Ele deu um sorriso tranquilizador para ela.

"Eu não vou te pedir." Ela sussurrou.

Ele não disse nada. Ela iria pedir-lhe para mordê-la, iria implorar por ele, de fato, e ele não seria capaz de resistir aos seus apelos. Mas poderia ajudá-la mordendo-a em lugares facilmente escondidos.

"Abra suas pernas, pombinha." Ele incentivou e deu-lhe um olhar assustado, antes de relaxar as pernas apenas uma fração. Ele empurrou-as separadas facilmente. Ela estava tão tensa que gozaria, e vêm em voz alta, no momento em que a tocasse. Ele bateu a boca até a dela, assim quando seus dedos tocaram seu clitóris. Ela gritou em sua boca enquanto gozava violentamente contra sua mão. Ele envolveu um braço apertado em volta da cintura, segurando-a facilmente quando seus joelhos cederam e ela caiu contra ele.

Virou-a para ele e puxou a camisa sobre a cabeça. Ele baixou-a para as costas sobre o cobertor e tirou a calcinha. A mão dela já estava se movendo de volta entre as coxas, os dedos empurrando os lábios molhados para esfregar seu clitóris mais uma vez. Ela tinha esperado muito tempo e teria de fazê-la gozar várias vezes, antes do fogo em sua barriga para ele ser extinto. Sorriu. Ele foi mais do que à altura da tarefa em mãos.

Abby sabia que ela deveria ter estado constrangida. Tinha acabado de gozar de forma explosiva com apenas um único toque de Val, e tinha despido-a e baixado-a no chão, sem



uma palavra de protesto dela. Ela tinha pensado que gozar traria algum alívio, mas só parecia torná-lo pior. Ela não pôde se impedir de chegar entre as pernas quando o cobertor riscava aproximadamente em suas costas e bunda. Retirou a mão e ela deu um tapa para ele, choramingando com a necessidade e frustração. Ele sorriu e tirou a camisa antes de se deitar entre suas coxas.

"Cubra sua boca, pombinha." Ele sussurrou antes de sua língua pentear através de seu clitóris. Ela resistiu seus quadris e jogou seu braço sobre sua boca, gritando mais uma vez quando gozou duro novamente.

Mesmo antes que ela tinha terminado, ele estava separando os lábios com os dedos longos e lambendo seu creme a distância. Tinha um gosto quase tão doce quanto seu sangue. Sua língua sondou sua abertura apertada e ela gemeu seu nome. Empurrou suas coxas largas e começou seu doce, sensual assalto mais uma vez.

Ela perdeu o controle de quantas vezes ele a trouxe ao orgasmo. Até o momento que empurrou suas calças e se apoiou sobre ela, seu rosto estava encharcado com seus sucos e a necessidade que a tinha estado dirigindo louca quase tinha perdido sua borda.

Ela ainda o queria, precisava sentir seu pênis dentro dela, mas não pensou que poderia enlouquecer. Ele sorriu para ela e seu olhar caiu para suas presas. Elas eram longas e brilhantes e sua pélvis arqueou enquanto pensava sobre elas afundando-se facilmente em sua carne macia. Não haveria dor, mas seria uma dor doce pensou vagamente.

"Você está pronta, minha doce pomba?" Ele sussurrou.

"Sim." Ela murmurou. "Por favor, me foda, Val. Por favor."

Ele empurrou seu pênis dentro dela, ambos gemendo quando ele deslizou facilmente em sua boceta apertada, molhada. Ela enrolou as pernas em volta de sua cintura, enganchando seus pés na parte baixa das suas costas quando ele empurrou lentamente dentro e fora dela.

"Você se sente tão boa, Abigail." Ele gemeu. "Tão quente, tão molhada."



Ele se inclinou e, pela primeira vez, tomou o mamilo na boca. Ele provocou-o suavemente com a língua, sentindo-o endurecer em sua boca. Ele manteve suas presas longe de seu mamilo, não querendo arranhá-la acidentalmente, e chupou duro. Suas mãos agarraram a cabeça enquanto seus quadris se contorceram e empurraram contra ele e ela gozou impotente em torno de seu pênis duro.

Ele sorriu para ela e continuou a mergulhar dentro e fora dela quando engasgou e gemeu embaixo dele. O calor estava crescendo dentro dela novamente e o incentivou a se mover mais rápido.

Ele balançou sua cabeça. "Não, Abigail. Você não consegue gozar novamente até que eu a deixe."

"Por favor, Val." Ela ofegava. "Por favor..."

"Você não gosta disso?" Ele sussurrou. "Devo parar?" Ele saiu dela, descansando a cabeça de seu pênis contra sua abertura, e ela gritou de frustração.

"Não!" Ela agarrou seus bíceps duros. "Por favor, não pare! Eu preciso do seu pênis. Eu preciso tanto."

"Eu sei, pombinha." Ele disse suavemente enquanto deslizava seu pau de volta para ela.

Abigail gemeu. Seu pênis era tão duro e grosso como ela tinha imaginado que seria. Cada vez que empurrou dentro dela, encheu sua boceta molhada completamente e tremia impotente sob ele.

Quando ele lentamente empurrava dentro e fora dela, o fogo cresceu até que ela foi devorada por ele. Não conseguia parar de olhar sua boca e quando ele abaixou a cabeça e tomou o mamilo em sua boca, se contorceu contra ele, tentando raspar os dentes contra ela.

Ele levantou a cabeça, seus olhos escuros de luxúria. "Garota má. Eu quase te mordi quando fez isso."

Ela respirou estremeendo profundo e o fundamento estava saindo de sua boca antes que pudesse detê-lo. "Por favor, me morda, Val. Por favor."



Ele não a fez implorar. Não podia ter mesmo se quisesse. Sua necessidade de seu sangue lhe tinha consumido e empurrou rapidamente dentro e fora dela quando mergulhou suas presas profundamente em seu ombro. Ela gritou e ele podia sentir sua vagina apertar para baixo em torno dele, quando seu orgasmo explodiu através dela e seu sangue encheu sua boca em uma corrida quente doce. Ele bebeu profundamente quando todo o seu corpo estremeceu e chegou ao clímax duro dentro dela.

Abigail gritou novamente quando seu orgasmo irradiava através dela. A dor da mordida de Val tinha desaparecido rapidamente e foi tendo seu forte clímax ainda. Ele irradiava de sua pélvis através de todo seu corpo, e com um suspiro e gritos finais, ela arqueou seus quadris contra o dele e desmaiou.



Capítulo Sete

"Acorde, pombinha. Por favor."

Sua voz sussurrou em seu ouvido, ela piscou e olhou fixamente para o teto do celeiro. O rosto de Val, forrado com preocupação, apareceu sobre ela.

"Eu me alimentei muito."

Ela balançou a cabeça. "Não, você não fez. Eu não, uh, desmaiei por falta de sangue."

Ele olhou intrigado por um momento e ela corou quando de repente ele deu um sorriso largo.

"Pare de parecer tão presunçoso." Ela murmurou.

Ele riu e beijou a ponta do nariz. Seu peito duro estava esfregando contra os seios e ela ficou chocada ao sentir um formigamento familiar iniciando em sua pélvis novamente. Ela deveria ter estado saciada. Ela tinha gozado várias vezes, o última tão intenso que tinha desmaiado, mas já podia sentir a necessidade dele iniciar novamente.

Ela se encolheu um pouco, tentando colocar algum espaço entre eles, e ele franziu a testa e apertou sua parte superior do corpo contra o dela. "Aonde você vai?"

"Eu deveria voltar para casa." Ela murmurou. "Está tarde."

"Não é tarde. Ainda há tempo de sobra."

"Tempo de sobra para quê?" Ela já sabia a resposta.

Ele sorriu e esfregou o polegar sobre a boca inchada. "Por que você faz perguntas que já sabe as respostas, pombinha?"

Não tinha resposta para isso e ele piscou para ela antes de se deitar ao lado dela e pegando seu peito. Ele esfregou o mamilo, observando quando apertou em um pequeno broto duro e sua pele pálida começou a lavar. Ele pegou seu outro peito, o mamilo já tinha



endurecido, e um gemido escapou de sua garganta quando traçou levemente com a ponta de um dedo.

"Vire para o seu estômago, Abigail."

Ela ficou tensa e balançou a cabeça negativamente e ele franziu a testa. "Por que não?"

"Eu não quero, ok?" Ela lhe deu um sorriso trêmulo. "Por favor, Val."

Ela estendeu a mão e levou seu pênis em sua mão, esfregando a frente e para trás com firmeza quando ele respirou fundo.

Com a outra mão, tentou pressioná-lo em cima dela. "O que sobre isso de novo, ok?"

Ele retirou a mão de seu pênis e sacudiu a cabeça. "Não. Vire, Abigail."

O desejo foi desaparecendo de seus olhos e ele podia ver um segredo escondido profundamente dentro de suas profundezas. Ele fez uma careta. Ele não queria que ela mantivesse nada dele. O olhar de raiva no seu rosto a fez tensa, e colocou uma mão suave na curva de seu ventre.

"Eu não vou, Val. Não me peça novamente. Eu vou ser fodida por você, mas apenas em meus termos. Você entende?"

"Eu entendo." Ele murmurou suavemente. Ele abaixou a cabeça e beijou-a até que seu corpo relaxou e ela estava fazendo barulhos suaves de prazer. Ela se agarrou firmemente a ele, suas mãos suaves acariciando suas costas largas e seus quadris arqueando repetidamente contra ele.

Ele lançou sua boca e deu-lhe um sorriso de desculpas. "Perdoe-me, pombinha."

Ela piscou. "Perdoa-lo pelo quê?"

Ele a jogou sem esforço sobre seu estômago, prendendo a parte superior do corpo para baixo facilmente com apenas uma mão entre as omoplatas.

Seu grito de choque e indignação foi abafado no cobertor e ela virou a cabeça para a esquerda e olhou para ele. "Maldito, Val!"

Ele não respondeu. Não podia responder. As palavras tinham sido sugadas para fora dele pela visão horrível de suas costas.



"Quem fez isso com você?" Ele engasgou.

Ela se recusou a responder e, em vez disso, o chutou. Ele colocou uma perna sobre a dela quase distraidamente. Ela não era páreo para sua força e caiu contra o cobertor, quase cuspidando para ele em fúria.

"Você não tinha o direito de fazer isso, Val! Eu disse que não queria..."

"Silêncio, Abigail." Ele ainda estava olhando para ela de trás. "Você pertence a mim agora, e não haverá segredos entre nós."

Ela ficou boquiaberta. "Eu não pertenço a você!"

"Sim, você pertence." Ele falou distraidamente como se o assunto fosse fechado para uma discussão mais aprofundada. Ele se inclinou sobre ela e examinou-a nas costas perto. A pele pálida, suave de sua parte superior das costas foi marcada com cicatrizes de cordas feias. Ele baixou os olhos para a parte inferior das costas e rosnou de raiva em silêncio quando viu a cicatriz levantada na forma de uma cruz em sua pele. "Diga-me quem fez isso com você. Agora, pombinha."

Ela suspirou. "Minha mãe adotiva."

"O que é uma mãe adotiva?"

Ela se contorceu novamente. "Deixe-me em primeiro lugar."

A soltou, mas antes que pudesse virar, ele a tinha arrastado para uma posição sentada entre suas próprias pernas abertas. Ele se inclinou para frente um pouco e empurrou seu longo cabelo para o lado para que pudesse continuar a olhar suas costas.

Onde quer que olhasse encontrou outra coisa que fez sua raiva crescer. Suas costas estavam cobertas com centenas de finas linhas, pálidas de cicatrizes que foram quase escondidas pelas cicatrizes maiores. Havia pequenas marcas redondas que só poderiam ser queimaduras. Na parte de trás do ombro esquerdo, quase escondido sob uma particularmente grande cicatriz, a palavra 'prostituta' havia sido esculpida em sua pele em puras, letras maiúsculas.



"Meus pais morreram quando eu era uma criança. Eu não tinha outros parentes assim no meu mundo que nos colocam para o que eles chamam de 'assistência social'. Outras pessoas são pagas para cuidar de você."

Ela limpou a garganta e levantou os joelhos, inclinando-se longe de Val e descansando os braços sobre os joelhos e o queixo sobre os braços. "Quando eu tinha sete anos fui colocada em um lar adotivo com uma mulher e seu marido. O marido era, bem, ele não era normal, mas não era louco. A mulher era uma lunática completa. Ela era religiosa e me fez passar horas nos joelhos orando e pedindo perdão dos meus pecados."

"Quais foram os seus pecados?"

Ela encolheu os ombros. "Qualquer coisa e tudo. Batendo a porta foi um pecado, pasta de dentes na pia era um pecado, rindo muito alto era um pecado. As regras mudavam todos os dias."

"Disse que Deus veio a ela todas as noites e lhe disse se eu estava verdadeiramente arrependida dos meus pecados para esse dia. Se Ele lhe disse que tinha orado bastante duro e tinha me perdoado, então eu não apanhava. Se não, ela me chicoteava com um cinto de couro na parte da manhã. Ou, às vezes usou cordas de piano."

Ela olhou melancolicamente ao lado da tenda. "Apenas entre você e eu – se Deus veio visitá-la todas as noites, esse cara é um verdadeiro idiota. Eu orei por horas a cada noite, implorando perdão, e ainda tenho espancamentos quase diários."

"Ninguém estava lá para ajudá-la? Ninguém que você pudesse ir?"

"Diana disse que me mataria se eu contasse a alguém. Ela me disse que Deus iria me matar com relâmpago antes que eu tivesse a chance de dizer às pessoas o que estava fazendo. Eu era apenas uma criança e morrendo de medo. Desde este dia, eu odeio trovões, relâmpagos e tempestades."

Ele estendeu a mão para traçar a palavra esculpida em sua pele e não se surpreendeu ao ver a mão tremendo de raiva. "E isto?"



Ela riu um pouco. "Diana esculpiu isso na minha pele quando eu tinha quatorze anos e encontrou um romance na minha mochila."

"Um romance?" Val olhou para ela com ar de dúvida.

"É um livro sobre – sobre um homem e uma mulher se apaixonando. De qualquer forma, uma das minhas poucas amigas tinha jogado lá dentro como uma brincadeira. Eu ainda não tinha lido o maldito livro. Ela levou uma eternidade para fazê-lo – quase um dia inteiro. Ela disse que queria que o meu futuro marido fosse capaz de lê-lo claramente e saber com quem tinha casado."

Ele deu outro grunhido baixo de raiva e ela pulou um pouco, virando a cabeça para dar-lhe um olhar cauteloso. "Val? E – você está bem?" Seus olhos estavam brilhando e sua pele normalmente pálida tinha um rubor escuro.

Ele se forçou a acalmar e tocou a cruz nas costas. "Como ela fez isso?"

Ela lhe deu um olhar assustado. "Será que a – a cruz repele você?"

Surpreendeu-se, rindo. "Não, pombinha. Vampiros não se ferem ou são afugentados por uma cruz não é senão um conto da velha bruxa."

"Mas a prata dói – pode matá-lo." Ela sussurrou.

"Sim. Prata, uma estaca no coração, luz solar e cortar sua cabeça fora vai matar um vampiro."

Ele se inclinou e apertou seus lábios contra a cicatriz. "Diga-me como ela fez isso."

"Ela tinha uma cruz de metal que estava pendurada sobre a porta da frente. Não havia nenhuma razão real para isso – pelo menos não que eu possa dizer. Eu só cheguei em casa da escola um dia e ela estava na cozinha a aquecer a cruz no forno. Ela me fez tirar minha camisa e curvar-me à mesa e, em seguida, calmamente tomou a cruz saindo do forno e pressionou contra minhas costas."

"Eu iria matá-la pelo que fez." Disse ele furiosamente.

"Foi há muito tempo atrás." Ela respondeu. "Pelo que sei, ela já poderia estar morta."

"Como você escapou?"



"Eu não o fiz. Morei lá até que tinha dezoito anos e então eles deixaram de pagar e ela me chutou para fora. Eu poderia ter fugido, acho. Mas estava muito fraca e com medo."

Ela suspirou baixinho. "Eu estou sempre com medo."

"Eu não posso acreditar que você sobreviveu sem enlouquecer."

"Eu criei um lugar seguro." Ela disse em um sussurro. "Quando ela começou a – me machucar, eu fui para o meu lugar seguro e fiquei lá até que terminasse."

Ele franziu a testa. "Onde é o seu lugar seguro?"

Ela encolheu os ombros. "Eu não sei. Eu só fecho os olhos e concentro-me e, em seguida, estou lá. É tão bonito, Val. Tem flores brancas e o sol está sempre brilhando. A grama é macia e ninguém pode me encontrar lá." Ela suspirou. "Pelo menos costumava ser assim."

Ele virou a cabeça em sua direção. Seus olhos eram suaves e distantes e ele acariciou sua bochecha com o polegar. "O que você quer dizer?"

Ela levantou o olhar para ele. "Você me encontrou. Eu estava no meu lugar seguro e você veio até mim. Estávamos nus e fazendo amor nas flores. Mas então eu percebi que realmente ia louca, porque não podia ficar longe de você. Você tinha me encontrado."

Lágrimas estavam começando a deslizar para baixo de suas bochechas e ele escovou-as longe de ânimo leve. "Sinto muito, pombinha."

Ela deixou cair a cabeça sobre os joelhos levantados. "Podemos parar de falar sobre isso agora? Eu não gosto de falar sobre isso. E eu gostaria de voltar para casa e dormir um pouco."

"Em breve." Ele murmurou.

Ele estava mentindo. Abigail iria dormir, mas não na casa. Ela iria de ficar aqui com ele, envolta em seus braços até o amanhecer e só então iria mandá-la embora.

Ele abaixou a cabeça e colocou suaves, beijos molhados através das cicatrizes em suas costas. Ela endureceu e tentou se afastar, mas a segurou com firmeza enquanto continuava a acariciá-la de volta com sua boca.



"Val." Ela gemeu levemente e virou-se até que ela estava escancarando seu colo. Ele olhou para seu corpo pálido e corou e tentou cobrir-se com os braços.

"Não faça isso." Ele franziu a testa e puxou os braços de distância. "Gostaria de ver tudo de você."

Ela corou ainda mais brilhante. "Você acha que eu sou feia."

"Eu não." Ele insistiu. "Desculpe-me, que te disse isso. Não é verdade."

Ele segurou seu queixo e a fez olhar para ele. "Eu acho que você é linda, Abigail. A mulher mais bonita que já vi. Se não achasse, acha que eu estaria aqui com você agora, a ponto de fazê-la minha de novo?"

Ela engoliu em seco. "Você está fazendo isso só porque quer se alimentar de mim."

"Não." Ele escovou os lábios contra os dela. "Eu poderia seduzir e alimentar de você sem tomar seu corpo. Eu quero você, Abigail."

Ele pegou sua mão e apertou-a contra sua ereção latejante quando usou a outra mão para seu seio, esfregando o polegar sobre o mamilo duro.

"Você vê o que faz comigo? O que eu faço para você? Nós fomos feitos um para o outro."

Ela balançou a cabeça. "Não. É porque você me mordeu. Uma vez que tenhamos alcançado *Karna*, nunca vou vê-lo novamente e meu desejo vai desaparecer."

Ele a beijou, sua língua sondando entre os lábios e traçando os dentes lisos, antes que chupou suavemente sobre o lábio inferior. "Não, pombinha. É mais do que isso. Quando chegarmos a *Karna* não vou abandoná-la. Eu vou cuidar, fornecer para você, e em troca vai me dar prazer com o seu corpo."

"Val, eu não posso..."

Ele puxou seu mamilo e ela gemeu baixinho.

"Você pertence a mim, pombinha. Deixe-me cuidar de você."



Ela fechou os olhos. Era inútil resistir-lhe. Ela precisava de alguém para cuidar dela. Estava fraca e com medo, e sabia que não iria durar muito neste mundo sem alguém como Val olhando por ela.

Ele sorriu para sua rendição sem palavras e puxou-a mais perto até que seu pênis estava roçando seu centro molhado. Ela gemeu novamente e os dedos escavaram na carne dura de seus ombros quando ele levantou uma mama pesada e passou a língua sobre o mamilo. Levantou-a colocando-a para baixo em seu pênis e ela teve tempo de se maravilhar com a sua força antes de seu pau estar deslizando dentro dela. Ele a puxou ainda mais perto, pedindo a ela para envolver as pernas ao redor de sua cintura.

Eles se beijaram ardentemente, suas línguas sugando e correndo umas contra as outras quando revirou os quadris contra ele. Pegou seu traseiro, seus dedos cavando em sua carne, e a levantou facilmente acima e para baixo em seu pênis. Ela engasgou seu nome quando ele colocou a boca no ombro dela. Suas presas escorregaram nos pequenos orifícios que já estavam lá e fez um gemido baixo quando seu sangue fluiu em sua boca.

Ela gritou e apertou compulsivamente em torno dele, seu corpo inteiro tremendo de seu orgasmo, enquanto ele continuava a empurrar para trás e para frente. Obrigou-se a parar de beber e lambeu os lábios limpos de seu sangue enquanto empurrava dentro e fora de sua boceta molhada quente e encharcada.

Ele teceu seus dedos por seu longo cabelo escuro, puxando sua cabeça atrás para que pudesse trilhar beijos por sua pele suave. Ele resistiu ao impulso de morder o pescoço dela e rosnou levemente em seu ouvido.

"Aperte em torno de mim, Abigail. Esprema sua boceta apertada em volta do meu pau agora."

Ela gemeu em seu comando quente sussurrado e apertou os músculos em torno dele. Ele gemeu com a pressão adicional sobre seu pau e mergulhou nela mais duas vezes antes de gozar violentamente dentro dela.



Ela caiu contra o seu colo e ele acariciava seu cabelo longo, antes de beijá-la suavemente no rosto. Ela estava fraca e mole, quase dormindo já, e colocou-a suavemente sobre o cobertor. Ela enrolou-se em seu lado quase imediatamente, colocando uma mão sob sua bochecha, enquanto estendeu atrás dela. Ele encoleirou-a, deslizando a mão ao redor dela para pegar um peito cheio.

"Tão cansada." Ela sussurrou, cansada.

"Eu sei, pombinha. Vá dormir." Ele beijou as costas de seu ombro quando ela deslizou no sono.



Capítulo Oito

"Ela está deixando que ele se alimente dela. Deve estar." Neil murmurou para Mary. Foram dois dias depois e observou como Abigail rir de alguma coisa que Bert lhe disse, enquanto caminhava atrás da carroça.

Mary concordou. "Ela está. Ela foi esgueirando-se a cada noite para encontrá-lo."

"Por que está escondendo isso? Todos nós entendemos por que ela está fazendo isso."

"Eu não sei."

"Ela me disse que em seu mundo vampiros foram considerados mortos-vivos. Que não tinha batimentos cardíacos, sem alma e eram maus."

"Sim. Meu marido disse a mesma coisa." Mary disse solenemente.

"Talvez seja por isso que ela sente a necessidade de esconder isso de nós. Se ela acredita que Val é mal, então pode ter vergonha por seu desejo por ele." Neil disse, hesitante.

"Possivelmente."

Eles assistiram quando David se juntou a ela e sorriu. Ela sorriu de volta e ele pegou a mão dela. Ela apertou-a brevemente antes de deixá-la cair e uma pequena carranca atravessou o rosto de David.

"Ele está apaixonado por ela." Mary suspirou.

Neil sorriu. "Você pensa? Ela pode fazer pior. David é um bom homem."

Mary franziu a testa. "Ele é? Às vezes me pergunto."

"O que você quer dizer?"

Mary sacudiu a cabeça. "Nada. Ele está perdendo seu tempo de qualquer maneira. Ela pertence a Val agora."



Neil deu-lhe um olhar confuso. "Assim que chegarmos a *Karna* e ela estiver longe de Val, sua necessidade vai desaparecer. Por que David não deve ter uma chance com ela, então?"

Mary revirou os olhos. "Para um cara inteligente tenho certeza que é cego, Neil."

Ele corou. "Eu conheço Val por muitos anos, Mary. Ele nunca vai se apaixonar por um ser humano."

Ela riu. "Ele já tem. Você pode vê-lo a cada vez que a olha. Você não viu o olhar no rosto na noite passada quando David estava sentado tão perto dela? Ele tem escondido sua própria necessidade para ela, provavelmente porque lhe pediu para fazê-lo, mas ele não será capaz de escondê-lo por muito mais tempo. Especialmente se David continuar a tocá-la."

"O que você está dizendo? Que uma vez que chegarmos a *Karna* ele irá configurar uma casa com ela?"

Mary deu de ombros. "Há vampiros que estão fazendo exatamente essa coisa em *Karna*."

"Nunca com um ser humano – eles mantêm a sua própria espécie. Além disso, Val é – ele é..." Neil sumiu.

"Ele é o que, Neil? Val pode ser um vampiro, mas isso não significa que não seja capaz de amar."

"Eu sei disso. Mas nunca pensei que Val se preocupasse com nada além de si mesmo. Quer dizer, para um sanguessuga, ele é gentil o suficiente, mas tem sido um vampiro por mais de quinhentos anos. Ele esqueceu o que significa ser humano."

"Eu pensei que Val era seu amigo."

"Ele é. Mas isso não significa que eu acredite que ele seja capaz de amar alguém, além de si mesmo, ou que tenho que aprovar seu plano para manter Abby como um animal de estimação." A voz de Neil estava crescendo mais alta e Mary olhou em volta, preocupada.

"Neil, mantenha a sua voz para baixo!" Ela murmurou.



"Abby é uma garota legal e merece alguém como David, não Val." Neil disse acaloradamente, embora baixou a voz.

"Ela está apaixonada por Val." Mary disse suavemente.

"Merda de cavalo." Neil cuspiu. "Ela está apaixonada por ele, porque a mordeu, nada mais."

Mary ergueu as mãos. "Ok, Neil. Acalme-se."

Neil, respirando pesadamente, olhou furiosamente para ela. "Ela não está apaixonada por ele, Mary."

"Diga-me por que você está tão chateado." Mary disse de repente.

"Eu não estou chateado." Neil deu-lhe um olhar cauteloso.

"Sim você está. E eu quero saber por que. Temos sido amigos por alguns anos agora e não sei de quase nada sobre você. Você é amigo de Val, inferno, atem-se para os vampiros mais do que qualquer outro ser humano que eu sei, e quero saber por que o pensamento de Abby estar apaixonada por Val é tão perturbador para você."

Neil suspirou asperamente. "Eu fui casado uma vez."

Mary olhou para ele em choque. "Eu não fazia ideia."

"O nome dela era Atina. Eu a amava tanto, Mary. Nós crescemos na mesma aldeia e eu penso que caí no amor com ela quando ainda era um menino pequeno. Nós nos casamos jovens. Ela tinha dezenove anos e eu tinha vinte."

"O que aconteceu com ela?" Mary perguntou suavemente.

"Um bando de vampiros ultrapassou nossa aldeia por um tempo. Havia mais deles naquela época, embora seus números já estivessem começando a diminuir. Eles não ficaram muito tempo – talvez um mês – mas foi tempo suficiente. Eles alimentaram a partir de um grupo de nós e Atina, ela não era uma mulher forte. Era doce, gentil e quando o vampiro chefe se alimentou dela, ela tornou-se obcecada com ele."

Ele passou a mão pelo cabelo escuro curto. "Eu tentei lhe dizer que iria desaparecer com o tempo e que o vampiro não sentia nada por ela. Ela não confiou – não poderia –



acreditou em mim. Quando os vampiros finalmente deixaram que ela tornou-se retirada e deprimida. Duas semanas depois, ela tomou sua própria vida."

"Oh Neil." Mary apertou seu braço. "Eu sinto muito. Estou surpresa que você não os odeie."

Ele encolheu os ombros. "Eu fiz. Por anos eu não podia suportar a sua espécie ou como eles tratavam os seres humanos. Mas, em seguida, Val salvou a minha vida e percebi que eles são semelhantes a nós em que existem bons e maus, sabe?"

Mary resmungou. "Val e EOne são os únicos vampiros bons que conheci e que poderia ser um exagero chamá-los de bons."

"Sim." Neil concordou. "De qualquer forma, quão grato como sou para Val por salvar minha vida, precisamos manter Abigail longe dele quando chegarmos a *Karna*. Ela merece a chance de perceber que o que ela sente por ele é apenas porque está alimentando-se dela."

"E se não for?" Mary perguntou suavemente.

"É." Neil respondeu com firmeza.

"Se ele continuar tocando em você, eu vou matá-lo."

A voz de Val derivou para fora da escuridão e Abby levantou a cabeça de onde repousava sobre o peito. Ela havia estado ouvindo a batida constante de seu coração e maravilhada entre as diferenças dos vampiros míticos de seu mundo e da realidade de vampiros nesse.

"Você está exagerando."

Ele sentou-se na cama e passou a mão pelo seu cabelo longo. "Não, eu não estou."

"Sim, você está." Ela sentou-se ao lado dele e colocou as cobertas em torno de seu corpo nu. "E fale baixo, por favor."

Eles tinham encontrado hospedagem para a noite em uma casa que foi surpreendentemente grande. Quase todo mundo tinha reivindicado seu próprio quarto e



logo após o jantar Abby retirou-se para seu quarto, usando uma dor de cabeça como desculpa. Tinha encontrado Val esperando por ela no quarto dela como sabia que faria.

"Ele te toca constantemente e me dá esse olhar como se ganhou-a em um jogo de Barnen." As mãos de Val estavam rolando em punhos e ela esfregou as costas de ânimo leve.

"David e eu somos amigos, nada mais."

Deu-lhe um olhar irônico. "David quer estar entre suas pernas, Abigail. Não finja o contrário."

Ela suspirou. O que Val dizia era verdade e ela não tinha ideia de como lidar com ele. Em seu mundo, os homens não se sentiam atraídos por ela. Tinha dormido com exatamente uma pessoa antes de Val, e isso só tinha acontecido, porque tanto ela, como seu melhor amigo Carl, tinham bebido. Suas bochechas queimaram e seu pulso aumentou com a memória da manhã seguinte. Carl tinha acordado, deu uma olhada para ela, e mandou seu traseiro fora de seu apartamento o mais rápido que podia. Ele se recusou a tomar qualquer de suas chamadas depois disso, e ela lamentou a perda de sua amizade mais do que a perda de sua virgindade.

Escuridão atravessou o rosto de Val e ele empurrou-a para as costas na cama. Ele cobriu suas curvas suaves com seu largo corpo e colocou a mão em seu quadril. Ele passou os dedos da outra mão pelo cabelo escuro e segurou-a com força.

"Você está corando. E posso ouvir o seu pulso aumentando." Ele se inclinou e cheirou-lhe o pulso na base do pescoço.

Ele olhou para ela e sua respiração ficou presa na garganta ao ver a expressão de raiva em seus olhos. "Você deixou o garoto entre suas coxas, pombinha? Tem ele se atrevido a tocar o que me pertence?"

Ele alcançou entre suas coxas e a segurou possessivo enquanto seu polegar separava seus lábios e encontrou seu clitóris. Ele acariciou-o mais ou menos e escovou sua boca em seus lábios trêmulos.



"Gostaria de ouvir a verdade de você, pombinha. Mas devo avisá-la de que se eu descobrir que o deixou beijá-la, lhe permitiu colocar os dedos ou seu pênis dentro de você..." Ele deslizou seu dedo em sua vagina apertada e sorriu com satisfação para o leve gemido de submissão. "... eu realmente vou matá-lo – de forma muito lenta e muito dolorosa."

"Ele não fez nenhuma dessas coisas."

"Mas você quer que ele faça." Sua voz era perigosamente suave.

Ela balançou a cabeça. "Não, eu não."

Ele manuseou o clitóris na aprovação e ela arqueou seus quadris contra ele.

"Então por que você se envergonhou? Por que o seu pulso bateu tão fortemente?" Ele murmurou em seu ouvido.

"Eu estava lembrando de algo do meu passado."

"O quê?" Ele esfregou seu clitóris novamente e ela gemeu um pouco e cravou as unhas em seu amplo braço.

"Nada que eu quero falar."

Ele franziu a testa. "Nada de segredos entre nós. Lembra-se, pombinha? Diga-me qual era a memória."

Ela bufou com raiva e empurrou o braço antes de sentar-se. Seu olhar se desviou para baixo nos seios nus e ela bateu-lhe no peito antes de arrancar o lençol.

"Isso é besteira, Val, e você sabe disso. Eu não sei nada sobre você. Toda vez que eu perguntei, você me distrai."

Ele arqueou as sobrancelhas para sua raiva atípica e recostou-se contra a cabeceira.

"Pergunte-me qualquer coisa que quiser, Abigail."

"Quando você se tornou um vampiro?"

"Eu fui transformado quinhentos e vinte e quatro anos atrás."

"Quantos anos você tinha quando morreu?"

Ele franziu a testa. "Eu tinha trinta e cinco, mas não morri, Abigail. Eu fui transformado antes que pudesse morrer."



Ela assentiu com a cabeça. "Desculpa. No meu mundo, vampiros são considerados mortos-vivos."

Ele riu. "Certo, Neil me disse. Nós não temos nenhuma pulsação e nem alma. Nossa pele é fria como gelo e nós sempre matamos os seres humanos que nos alimentamos. Seu mundo é muito triste, pombinha."

"Não é!" Ela apertou os lábios. "Você pode comer comida de verdade?"

Ele acenou com a cabeça e ela inclinou a cabeça para ele. "Eu nunca vi você comer ou beber nada além do sangue."

"Não é verdade. Você me viu comer sua doce boceta." Ele sorriu para o rubor quente que subiu em seu rosto e estendeu a mão e traçou sua pele macia. "Seu creme saboreia quase tão bom quanto o seu sangue, pombinha."

"Pare de me distrair." Ela empurrou a mão dele e ele pegou a mão dela e segurou-a com firmeza.

"Alguns vampiros comem um pouco de comida, embora não forneça alimentação para nós. Mas muitos de nós acha difícil abandonar o que nos tornou humanos."

"Então você vai morrer sem sangue?"

"Eventualmente. Levaria meses embora. Os seres humanos têm experimentado em nós no passado, e acredito que o mais longo que um vampiro viveu sem sangue foi nove meses."

Ela deu-lhe um olhar horrorizado. "Eles experimentaram sobre vampiros?"

"Sim." Ele não parecia incomodado com isso.

"Por quê?"

"Duzentos anos atrás, havia muitos mais de nós. Nós não éramos particularmente gentis com os seres humanos. Suponho que eles acreditam que foram justificados em sua experimentação sobre nós."

"Não há muitos de vocês agora?" Ela perguntou, curiosa.

"Não. Houve uma doença entre nós cerca de cento e vinte anos atrás. Isso matou muitos do meu tipo."



"Uma doença? Pensei que você fosse imortal. Que tipo de doença poderia matá-lo?"

Ele deu de ombros descuidadamente, mas ela pensou ter visto uma pitada de dor em seus olhos. "Eu não sei."

"Como você sobreviveu?"

"Alguns estavam imunes. Eles fizeram testes, tentaram descobrir o que foi que fez alguns vampiros imunes, mas nunca descobriram o que era. Eles, no entanto, perceberam que o sangue dos imunizados ajudou a curar aqueles que estavam doentes."

Ela fez uma pausa e então decidiu fazer a pergunta. "Você perdeu alguém especial para você?"

"Não."

Ele estava mentindo, podia ver isso em seus olhos, mas deixou-o ir. "Quantos seres humanos você têm matado?"

"Muitos. Mas eles foram todos tentando me matar." Disse ele honestamente. "Isso te incomoda?"

"Um pouco."

"Eu nunca iria machucá-la, pombinha." Ele apertou a mão dela.

"Eu sei. Por que você deixou a sua própria espécie para os seres humanos?"

"Que memória você estava pensando antes?" Ele respondeu.

Ela olhou para suas mãos entrelaçadas. "Eu estava me lembrando do primeiro cara com quem dormi."

"Você estava apaixonada por ele?"

Ela balançou a cabeça quando Violet voou através da janela do quarto ligeiramente aberta. Ela voou para Abby e aterrisou em seu ombro, enrolando seu corpo frio no cabelo de Abby antes de beijá-la levemente no lado do pescoço.

Abby sorriu. "Eu estava começando a me preocupar com você, Violet. Onde você esteve, pequena?"



Violet bocejou e encolheu os ombros antes de se sentar com as pernas cruzadas sobre o ombro de Abigail. Ela se inclinou contra sua garganta e mostrou a língua para Val.

"Cuidado, inseto. Ouvi que o sangue de duende saboreia muito doce." Ele rosnou de brincadeira.

Violet revirou os olhos quando Abby apertou sua mão. "Não diga coisas assim para ela."

"Conte-me sobre ele." Solicitou.

"Seu nome era Carl. Ele era meu melhor amigo. Uma noite que ambos terminamos bêbados e dormimos juntos. Na parte da manhã, quando acordou na minha cama, ele ficou horrorizado com o que tinha feito. Ele saiu e se recusou a falar comigo nunca mais."

"Ele era um tolo."

Ela encolheu os ombros. "Eu não o culpo."

"Conte-me sobre seus outros amantes." O pensamento de outros homens tocando-a encheu-o de uma raiva estranha, mas ele queria saber tudo o que havia sobre Abigail.

Ela corou. "Não havia quaisquer outros."

"O que você quer dizer?"

Seu rubor se iluminou. "Quero dizer que antes de você, Carl era o único homem com que eu tinha dormido."

"Por quê?"

Ela deu-lhe um olhar estranho. "Por quê? Bem, porque olha para mim, Val. Eu sou feia. Mesmo que não fosse gorda, sou muito pálida, meu nariz é grande demais e meu cabelo é muito crespo. Os homens não são atraídos para mim. Eu honestamente não tenho ideia porque David está."

Ele olhou para ela e percebeu que ela acreditava no que estava dizendo. Seu peito se apertou dolorosamente e estendeu a mão e agarrou o queixo com firmeza. "Ele está atraído por você, pelas mesmas razões que eu estou. Você é linda, doce e muito bondosa para o seu próprio bem."



"Você me quer por causa do meu sangue." Ela sussurrou. "Não minta para mim, Val."

Ele se moveu para mais perto dela e segurou seu rosto. "Seu sangue é muito atraente para mim, pombinha, mas não é apenas isso. Você se tornou..." Ele hesitou. "... importante para mim. Não é apenas o seu sangue que me chama, mas tudo sobre você."

Seus olhos deslizaram sobre seu rosto antes que ele olhasse fixamente para ela. "Você acredita em mim?"

Ela olhou para as colchas de cama. "Eu não sei."

"Então me deixe mostrar-lhe mais uma vez." Ele sussurrou. Ele beijou sua boca suave e, em seguida, olhou para Violet ainda envolta no cabelo de Abby.

"Vá em frente, inseto."

Ela bufou para ele antes de beijar o pescoço de Abby novamente. Quando desembaraçou-se dos longos fios escuros, Abby estendeu a mão e acariciou suas costas com um dedo.

"Boa noite, pequena."

Violet voou para o cesto sobre a cama agora. Abigail tinha formado uma cama para ela no cesto e sem olhar para qualquer um deles, a duende enterrou profundamente sob as camadas de tecido até que estava completamente escondida dentro delas.

Val puxou a colcha, expondo os seios de Abigail para seu olhar quente. Ele baixou a cabeça e arrastou um caminho extremamente quente abaixo seu peito antes de pegar uma mama e capturar o mamilo entre os lábios. Ele lambeu e chupou levemente sobre ela até que ele endureceu em sua boca e as mãos de Abigail estavam emaranhadas em seus cabelos longos.

"Deite-se, pombinha." Ele sussurrou.

Seu corpo pulsando com a necessidade, Abby se recostou contra os travesseiros quando Val beijou seu caminho pelo corpo dela. Ele mergulhou sua língua em seu umbigo, circulou com a língua e, em seguida, soprou levemente em sua pele úmida.



Ela gemeu baixinho e colocou o braço sobre sua boca para abafar o ruído quando trocou até que ele estava estendido entre as pernas.

"Tão doce." Ele murmurou antes de morder levemente em sua boceta gotejando. Ela moveu seus quadris contra seu rosto, enquanto sua língua sondava entre os lábios para encontrar seu clitóris inchado. Ele lambeu-o com golpes ásperos até que seus quadris amplos foram levantando-se da cama e sua mão estava apertando freneticamente na parte de trás de sua cabeça.

"Goze para mim, pombinha." Ele sussurrou antes de sugar o clitóris em sua boca.

Um grito abafado soou quando ela fez o que ele pediu, com a mão deixando a parte de trás de sua cabeça para apertar firmemente em torno da coberta. Quando seu orgasmo correu através dela, sentiu a picada afiada de suas presas em sua parte interna da coxa. Ele sugou em sua pele, bebendo seu sangue quando seu clímax rugiu através dela. Só quando ela tinha caído ligeiramente na cama, com o braço caindo de sua boca e os seios arfando enquanto lutava para puxar no ar, ele parou de beber.

Ele posicionou-se sobre ela e entrou em sua boceta pingando com um golpe suave. Ela arqueou debaixo dele, levando-o profundamente dentro dela, e ele gemeu sua aprovação quando seus músculos da boceta ondularam em torno de seu pau grosso.

"Abra seus olhos, pombinha." Perguntou ele.

Suas pálpebras se abriram e ele sorriu para ela. "É isso mesmo, meu amor. Olhe para mim e veja o que faz comigo."

Ele empurrou dentro e fora dela. Sua vagina apertou-o com avidez, sugando seu pênis e se recusando a deixar ir quando ele tentou recuar. Gemeu de prazer e ela bateu a mão sobre sua boca. Ele lambeu a palma da sua mão, fazendo-a tremer contra ele, antes de começar a mergulhar dentro e fora. O aperto suave de seu sexo, a forma quando se agarrou a umidade, levou-o rapidamente para a borda e com um gemido alto que ele empurrou profundamente e gozou dentro dela.



Ofegando levemente, ele rolou de cima dela e caiu de costas ao lado dela. Depois de alguns minutos, virou de lado. Quando ela não virou para que pudesse encoleirá-la, ele estendeu a mão e levantou-a, movendo-a facilmente para a posição que a queria.

Embora tivesse visto força várias vezes de Val, Abigail ainda estava surpresa quando ele moveu a setenta e dois quilos do corpo como se não pesasse mais que uma pluma. Quando jogou a perna sobre seu quadril e sua mão segurou-lhe o peito, ela tentou se esquivar.

Val resmungou sob sua respiração e puxou-a ainda mais perto. "Aonde você vai?"

"Eu não vou a lugar nenhum." Ela resmungou. "Você sabe que preciso de espaço para dormir."

Ele riu e beijou a nuca dela. "Eu estou saindo em breve para ir trocar com EOne. Delicie-me até lá."

Ela suspirou e relaxou contra ele. "Você vai voltar antes de ir para o seu sono do dia?"

Ele assentiu. "Sim, pombinha. Vejo você em poucas horas. Vá dormir, Abigail."



Capítulo Nove

"Abby você vai dar um passeio comigo?"

Ela sorriu para David antes de olhar rapidamente o vagão. Depois de um longo dia de viagem, que tinha sido incapaz de encontrar abrigo e foram mais uma vez de acampamento ao ar livre. Era quase crepúsculo, Val estaria acordado em breve e procurando por ela.

"Neste momento, David?"

Ele assentiu. "Por favor? Eu gostaria de falar com você em particular."

Ela apertou os lábios e, em seguida, assentiu. "Apenas uma rápida caminhada, ok? Preciso ajudar Mary com o jantar."

Ele sorriu e tentou pegar a mão dela enquanto caminhavam mais profundo dentro da floresta. Ela cruzou os braços sobre o torso, ignorando o olhar decepcionado que ele lhe deu.

"Você fez muito bem em negar ao sanguessuga, Abby. Eu quero que saiba como estou orgulhoso de você."

"Obrigada." Ela murmurou. Ela olhou para o chão. Ela odiava mentir e foi horrível para ele. Se olhasse para David nos olhos, ele iria ver a verdade em seu rosto.

"Eu sei que não foi fácil, não com aquele sanguessuga idiota olhando para você o tempo todo, mas..."

"Não o chame de idiota, David." Ela o interrompeu. "Ele salvou todas as nossas vidas."

Ele bufou, irritado. "Ele quase a matou por beber muito do seu sangue, depois que você se ofereceu para salvar a sua vida miserável. E confiem em mim, se o impulso veio empurrando, ele abandona nossas bundas."

"Será que ele te abandonou na aldeia? Neil disse que se não tivesse sido por ele e EOne, nenhum de vocês teria sobrevivido. Lembra?"

Ele parou de repente e a levou em seus braços. "Por que você o defende, Abby?"



Ele inclinou o queixo para cima e olhou o rosto dela. "Por que você é tão rápida para..."

Ele parou de falar, seu rosto pálido corado ao ver a expressão no rosto. "Meu Deus."

"David eu..."

"Você o tem deixado se alimentar de você." Ele sussurrou. "Não tem?"

"Isso não é da sua conta, David."

Ele a surpreendeu, agarrando seus cabelos e puxando a cabeça para trás. Ela deu um grito suave de dor enquanto procurava sua garganta por marcas reveladoras.

"Onde ele está mordendo você?" Ele rosnou.

"Deixe-me ir!" Ela deu um soco nele e ele agarrou-lhe os pulsos com uma mão e aterrou os ossos finos juntos.

Ela gritou com a dor de novo quando rasgou o decote de sua blusa. Ele prendeu a respiração nas marcas de mordidas levemente feridas na carne macia de seu ombro e amaldiçoou veementemente antes de empurrá-la para longe.

Ela tropeçou e quase caiu antes de esfregar os pulsos dela e olhando para ele. "Você é um idiota, David."

"Sim, bem, você não é nada, além de uma puta sanguessuga suja. Eu deveria ter sabido que você..."

Ela lhe deu um tapa tão forte como pôde no rosto e sua cabeça balançou para trás. Ele segurou seu rosto, olhando incrédulo para ela. Se virou para correr quando ele se lançou para ela, seu grito cortado por sua mão dura de aperto através de sua boca.

"Eu pensei que você fosse diferente, Abigail." Ele sussurrou em seu ouvido. Ele girou e olhou fixamente em seus olhos assustados quando apertou seu braço em volta da cintura. "Eu estava caindo no amor com você. Você sabia disso? Eu estava tão impressionado com a sua capacidade de resistir a ele, tão impressionado com a sua força, que realmente pensei que estava apaixonado por você."

Ela fez um som abafado contra a palma da mão e tentou se afastar.



"Shh, não faça isso. Eu deveria ter pensado melhor antes de pensar que você era forte. Os que vêm de seu mundo são sempre tão fracos. Eles nunca sobrevivem por muito tempo em nosso mundo."

Ele baixou-a no chão e sentou-a antes de colocar as mãos grossas em torno de sua garganta. "Você mentiu para mim, Abigail. Eu poderia perdoá-la por submeter-se ao sanguessuga, mas não por ter mentido para mim."

"Você não tem que fazer isso, David." Ela implorou em voz baixa, enquanto as lágrimas começaram a vazar de seus olhos.

"Eu tenho, Abby." Ele sussurrou suavemente. "É para o seu próprio bem. É melhor para você estar morta, que ficar com ele."

Ela olhou-o nos olhos e percebeu com repentina e terrível clareza que ele era louco. Algo pequeno e roxo patinou após a borda de sua visão e ela orou para que Violet trouxesse os outros antes que fosse tarde demais. Ela cravou as unhas em seus grossos pulsos peludos e tentou levanta-lo fora dela. Ele rosnou com dor, mas acomodou-se mais firmemente em cima dela.

Ele começou a apertar sua garganta e antes de seu suprimento de ar ser cortado, ela engasgou. "Ele vai te matar."

"Ele nunca vai saber." Ele sussurrou.

Val olhou ao redor do parque de campismo e franziu a testa. Abigail estava longe de ser vista e havia um sentimento ruim crescendo em seu estômago.

"Neil, você viu Abby?"

O grande homem sacudiu a cabeça. "Ela estava bem aqui. Não tenho a certeza onde foi."

"Onde está David?" Val de repente perguntou asperamente.

"Ele está descarregando o vagão. Pelo menos, eu acho que estava." Neil respondeu.



Ele gritou através da clareira para Landon. "Landon, você viu David?"

O jovem deu de ombros e continuou a construir a fogueira.

Houve um puxão no cabelo de Val e ele se virou para ver Violet, sua pele roxa corada e os olhos arregalados e frenéticos, olhando para ele.

"Onde ela está?" Havia uma sensação estranha no estômago e depois de um segundo, ele reconheceu-o como o medo. "Onde ela está, inseto?"

Violet fez um movimento de asfixia com as mãos e apontou para a floresta. Ele rosnou e, quando Violet correu em seu cabelo e colocou os pequenos punhos em torno dele, ele correu para as árvores.

Abby puxou fracamente para as mãos de David. Flashes pretos estavam florescendo em sua visão e seus pés batiam impotentes no chão enquanto suas mãos apertaram firmemente em torno de sua garganta. Ela murmurou o nome de Val, enquanto as lágrimas vazaram por suas bochechas.

Houve um rosnando alto e David foi rasgado longe dela. Sufocando e ofegando ela rolou para o lado dela, agarrando sua garganta enquanto lutava para rasgar o ar em seus pulmões latejante. Vagamente, ela estava ciente de Violet pairando sobre ela quando David gritou lamentavelmente.

"Você se atreve a tocá-la?" Val rugiu. Sua mão no pescoço de David, sacudiu-o como uma boneca de pano. O grande homem gritou novamente quando Val jogou-o ao chão.

"Por favor!" Ele implorou enquanto Val arrastou-o de joelhos. Rosnando e cuspidando, suas presas estendidas para um comprimento quase impossível, Val inclinou em direção a ele.

"Val não!" Abigail tentou gritar e produziu nada mais que um sussurro rouco.

Ele se virou para ela e se encolheu na raiva pura em seu olhar.



"Espere." Ela sussurrou e depois assistiu com horror quando Val abaixou a boca para a garganta de David e rasgou-a aberta.

David fez um barulho borbulhante e agarrou sua garganta quando o sangue jorrou no peito e no chão. Ele caiu para frente quando Val limpou o sangue da boca e caminhou em direção Abby. Ela olhou para ele sem dizer nada, sua mão esfregando em sua garganta, e ele se ajoelhou. Ela se encolheu quando estendeu a mão para ela e um olhar de dor cintilou em seu rosto.

"Eu nunca vou te machucar, pombinha. Eu prometo a você." Ele segurou a parte de trás de sua cabeça e puxou-a para ele. Descansou sua testa contra a dela enquanto Violet pairava ansiosamente sobre eles.

"Não tenha medo de mim, Abigail. Por favor." Ele sussurrou suplicante.

Com um grito suave ela jogou os braços ao redor dele e ele a abraçou com força. "Você está segura pombinha."

Ele ajudou-a a seus pés e inclinou a cabeça para olhar sua garganta. Contusões estavam começando no pescoço e ele fez um som suave de aflição. Ela tentou olhar em volta dele para o corpo de David e ele a parou.

"Não, pombinha. Não olhe para ele."

Ele beijou sua boca levemente e ela devolveu o beijo antes de enterrar o rosto em sua garganta.

"Venha, precisamos voltar para..."

Um grito agudo repentino fez com que ambos saltassem e virassem para o acampamento quando mais gritos ecoaram.

"Fique aqui!" Ele exigiu e decolou em um borrão.

Abigail hesitou apenas brevemente antes de correr atrás dele. Ofegante, arrastando ar através de sua garganta inchada, ela tropeçou através das árvores.

Sua respiração assobiou fora de seus pulmões quando ela chegou ao acampamento. Dez vampiros estavam rasgando as pessoas no acampamento. Ela assistiu com horror



quando um baixo, vampiro gordo agarrou Erin pelos cabelos e puxou sua cabeça para trás. Ele enterrou o rosto em sua garganta e ela gritou quando ele mordeu profundamente em sua pele. Enquanto bebia, rasgou a garganta de largura, com uma unha longa e suja. Seu sangue pulverizava e ele lambia-o como um cão, sorrindo e chupando em seu pescoço quando ela caiu no chão.

Neil, o rosto sério, balançou sua espada em um amplo arco, decapitando o vampiro que estava prestes a afundar seus dentes no pescoço de Mary. Ele explodiu em cinzas como Neil ajudou Mary aos seus pés.

"Vá!" Ele rugiu. "Sob o vagão – agora!"

Mary correu para o compartimento sob o vagão quando EOne e Val, assobiavam e rosnavam, atacando os vampiros. Ela observou com os olhos arregalados quando eles rapidamente despacharam os vampiros, suas espadas piscando na escuridão.

Violet agarrou-se ao pescoço de Abigail, escondendo o rosto em seu cabelo, quando Neil e Val trabalharam em conjunto para matar o último vampiro. Eles tinham encurralado contra o vagão, ele caiu de joelhos e levantou as mãos em sinal de rendição.

"Por favor, não! Eu vou deixar! Eu sinto muito! Eu não farei..."

Suas palavras morreram em um pequeno gemido borbulhante quando Val enfiou a espada em seu peito. Ele olhou para Val, com os olhos arregalados de choque e dor, antes que explodiu em cinzas.

Neil, ofegando asperamente, olhou ao redor do acampamento. "Oh meu Deus." Ele sussurrou. Os mortos estavam espalhados em todo o parque de campismo. Só ele e Mary tinham sobrevivido ao massacre.

Violet lançou seu controle sobre o cabelo de Abby e vibrou alguns pés de distância. Ela pairou, olhando com horror para as pessoas mortas no chão.

Val, seus olhos de prata brilhantes e sua pele pálida corada, franziu a testa quando viu Abby pé ao lado de uma árvore.

"Pombinha, eu lhe disse para ficar..."



Sua boca aberta em horror sem palavras quando um vampiro apareceu fora do ar ao lado de Abigail. Ele passou os braços em volta de seu corpo, sussurrou para Val, e desapareceu com ela em um flash de luz.

Neil observou quando Val deixou cair à espada e correu para onde ela tinha estado. O vampiro caiu de joelhos, um baixo lamento a partir de seu peito. O lamento rapidamente se tornou um grito quando ele abriu a boca e lamentou a sua dor no ar da noite.

EOne aproximou-se cautelosamente. "Val, lamento. Ela se foi."

Ele se virou para ela e rosnou, mostrando suas presas. "Vou encontrá-la! Está me ouvindo, EOne? Vou encontrá-la!"

"É tarde demais, Val." EOne respondeu. "Ela provavelmente já está morta."

Ele gritou novamente e Neil vacilou quando Mary agarrou seu braço. "Neil, o que vamos fazer?"

"Eu não sei." Neil respondeu calmamente.

Ele observou enquanto Val cambaleou e olhou para eles com os olhos assombrados. O vampiro não prestou atenção quando Violet se lançou para frente e se enterrou em seu cabelo longo, agarrando-se amargamente aos longos fios.

"Vou encontrá-la." Ele sussurrou com voz rouca, antes de desaparecer entre as árvores.

E CONTINUA...





PRÓXIMOS:

